



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Maria Lucia Vignoli Rodrigues de Moraes

Ondulações
rastro e livro e arte

Rio de Janeiro

2015

Maria Lucia Vignoli Rodrigues de Moraes

**Ondulações
rastro e livro e arte**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Corrêa dos Santos

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

M827 Moraes, Maria Lucia Vignoli Rodrigues de
Ondulações: rastro e livro e arte / Maria Lucia Vignoli Rodrigues
de Moraes. – 2015.
112 f.: il.

Orientador: Roberto Corrêa dos Santos.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Artes.

1. Livros de artistas – Teses. 2. Arte moderna – Séc. XXI – Teses 3.
Arte e música – Teses. 4. Arte e cultura – Teses. 5. Memória coletiva
na arte – Teses. I. Santos, Roberto Corrêa dos. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU 7.036"20"

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria Lucia Vignoli Rodrigues de Moraes

**Ondulações:
rastro e livro e arte**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em 29 de outubro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Roberto Corrêa dos Santos (Orientador)
Instituto de Artes – UERJ

Prof^a. Dra. Maria Luiza Fatorelli
Instituto de Artes – UERJ

Prof. Dr. Aldo Victório Filho
Instituto de Artes – UERJ

Prof^a. Dra. Livia Flores Lopes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Alberto Pucheu Neto
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

à alegria de Luiz Carlos da Vila

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes da UERJ, aos docentes do PPGARTES – UERJ e aos funcionários do Instituto de Artes.

À amizade de: Nena Balthar, Marcelo Bozza, Fabianna de Mello e Souza, Dunga, Servula Amado, Jane, Mayana, Junia Penna, Cadu Nóbrega, Cristina Salgado, Verônica Aldé, Getúlio Krwakraj Krahô (aldeia Manoel Alves), Nerina Paxên Krahô (aldeia Makraré), Diva Atuloi Krahô (aldeia Rio Vermelho), Zé Maria Hyku Krahô (aldeia Makraré), Pingo, Uzma Hazan, Ally Karan, François Diagne, Awa Faly Ba, Zita Costa, Antonio Prista, Jorge Uate, Eduardo Neves, Luciana Miranda, Antonio Neves, Gabriel Menezes, Glauber Seixas, Gabriel Ballesté, Luisa Moraes, José Feijó, Cristina Vignoli, Luiz Guimarães de Castro, Jayme Vignoli, Mariana Bali, Teresa Moraes, Roberto Tostes, Thaïs Siervi, Joana Lyra, Marcelino Rodrigues, Irene, Vanildo, Stanley Vinicius, Sérgio Rodrigues Santana, Eve Doe Bruce, Daniel Amouzou, Paula Giusti, Onochi Seietsu, Armand Saribekyan, Andréas Simma, Camila do Valle, Patricia Cano, Daniela Seixas, Deise Marins, Jamal Ibrahim Elias, Domingos Angotti, Paulo Villela, Maria Helena, Paulo Petersen, Malu Fatorelli, Livia Flores, Aldo Victório, Alberto Pucheu e Roberto Corrêa dos Santos.

sempre os dedos do amor que cobrem as horas, as noites, as tardes e os dias.

Alberto Pucheu

RESUMO

MORAES, Maria Lucia Vignoli Rodrigues de. *Ondulações: rastro e livro e arte*. 2015. 112f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Contemporânea) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Ondulações é a confluência de percepções experimentadas em constante intercâmbio com a paisagem, a cidade, as pessoas, as músicas, as poesias e personagens literários. Através de ações cotidianas vividas em andanças e caminhadas foram colhidas imagens em filmes digitais, sonoridades, discursos, textos, relatos orais, histórias e músicas. A reunião dessas recolhas constitui um livro-tese de artista confeccionado manualmente em progressivo e constante adensamento. Entre as colheitas empreendidas foram coletadas versões em diversos idiomas da letra da música *O sonho não acabou* de Luiz Carlos da Vila, que possui o sentido de imantação e perpetuação da memória coletiva em permanente atualização. Tais versões junto a outras sonoridades foram aderidas a filmes digitais captados nas andanças durante a pesquisa e a frases escritas-desenhadas sobre imagens de águas retiradas do livro *mais cotidiano que o cotidiano* de Alberto Pucheu. Ondulações rastro e livro e arte é experimentar a paisagem sujeita a atravessamentos de melodias, palavras e indícios conectivos para a configuração de uma cartografia sensível e poética na qual o encontro com o outro e com as vivências se afirmam em estado movente.

Palavras-chave: Ondulações. Vida. Rastro. Livro. Arte.

RESUMEN

MORAES, Maria Lucia Vignoli Rodrigues de. *Ondulaciones: rastro y libro y arte*. 2015. 112f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Contemporânea) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Ondulaciones es la confluencia de percepciones experimentadas en constante intercambio con el paisaje, la ciudad, la gente, las músicas, las poesías y los personajes literarios. A través de acciones cotidianas vividas en andanzas y caminadas se recogieron imágenes en películas digitales, sonoridades, discursos, textos, relactos orales, historias y canciones. La reunión de estas recolecciones es un libro-tesis de artista elaborado a mano en progresivo y constante densificación. Entre las recolecciones hechas se recogieron versiones en varios idiomas de la letra de la música “O sonho não acabou” (“El sueño no acabó”) de Luiz Carlos da Vila, que posué el sentido de magnetización y la perpetuación de la memoria colectiva en permanente actualización. Tales versiones junto con otras sonoridades se adhirieron a las películas digitales tomadas en viajes durante la búsqueda y frases tirados por escrito sobre las imágenes de agua tomadas del libro “Mais cotidiano que o cotidiano” (“Más cotidiano que el cotidiano”) de Alberto Pucheu. Ondulaciones rastro y libro y arte es experimentar la paisage sujeta a atravesamientos de melodías, palabras y indicios conectivos para la creación de una cartografía sensible y poética en la que el encuentro con el otro y con las experiencias se afirmó en el estado movente.

Palabras-clave: Ondulaciones. Vida. Rastro. Libro. Arte.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 –	Águas. Lucia Vignoli, 2014	14
Figura 2 –	Círio Fluvial. Lucia Vignoli, 2014	15
Figura 3 –	Caixotaria. Lucia Vignoli, 2014	16
Figura 4 –	Belém do Pará. Lucia Vignoli, 2014	19
Figura 5 –	Da Gávea. Lucia Vignoli, 2014	21
Figura 6 –	Ilha de Gorée. Lucia Vignoli, 2014	23
Figura 7 –	Baobá em Quissamã. Lucia Vignoli, 2014	25
Figura 8 –	Gira por los barrios. Lucia Vignoli, 2014	26
Figura 9 –	Fala de João Celestioso. Lucia Vignoli, 2014	27
Figura 10 –	Água e rosas. Lucia Vignoli, 2014	29
Figura 11 –	Alegria é um cristal. Lucia Vignoli, 2014	30
Figura 12 –	Rio São Francisco, Juazeiro da Bahia. Lucia Vignoli, 2014	32
Figura 13 –	Poço Verde, Rio Teresópolis. Lucia Vignoli, 2014	34
Figura 14 –	Rio São Francisco, Juazeiro da Bahia. Lucia Vignoli, 2014	36
Figura 15 –	Castanhal, Pará. Lucia Vignoli, 2014	37
Figura 16 –	Desejo tornado visível. Lucia Vignoli, 2014	39
Figura 17 –	Rio São Francisco, Juazeiro da Bahia. Lucia Vignoli, 2014	41
Figura 18 –	Rio São Francisco, Juazeiro da Bahia. Lucia Vignoli, 2014	43
Figura 19 –	Círio Fluvial. Lucia Vignoli, 2014	45
Figura 20 –	Espumas. Lucia Vignoli, 2014	48
Figura 21 –	Círio Fluvial. Lucia Vignoli, 2014	50
Figura 22 –	Coqueiro em Juazeiro Lucia Vignoli, 2014	53

Figura 23 – Rio São Francisco. Lucia Vignoli, 2014	54
Figura 24 – Vanildo. Lucia Vignoli, 2014	56
Figura 25 – Fotograma Vanildo, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2014	57
Figura 26 – Rio São Francisco. Lucia Vignoli, 2014	59
Figura 27 – Tubiacanga, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2014	62
Figura 28 – Reflexos, UERJ. Lucia Vignoli, 2014	64
Figura 29 – Espumas. Lucia Vignoli, 2014	66
Figura 30 – Fala de Irene. Lucia Vignoli, 2014	67
Figura 31 – Tubiacanga, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2014	69
Figura 32 – Tubiacanga, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2014	70
Figura 33 – Tubiacanga, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2014	71
Figura 34 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014	73
Figura 35 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2015	74
Figura 36 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2015	75
Figura 37 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2015	76
Figura 38 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2015	77
Figura 39 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2015	78
Figura 40 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2015	79
Figura 41 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2015	80
Figura 42 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2015	81
Figura 43 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2015	82
Figura 44 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2015	83
Figura 45 – Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2015	84
Figura 46 – Superfície amorosa da vida.. Lucia Vignoli, 2015	85

Figura 47 -	Para nos darmos mais. Lucia Vignoli, 2015.....	86
Figura 48 -	Dedos do amor. Lucia Vignoli, 2015.....	87
Figura 49 -	Névoa úmida. Lucia Vignoli, 2015	89
Figura 50 -	Lentes. Lucia Vignoli, 2015	90
Figura 51 -	Fala de Pingo. Lucia Vignoli, 2015	93
Figura 52 -	Caquizal, Rio de Janeiro Lucia Vignoli, 2015	94
Figura 53 -	Pedra Branca, Rio de Janeiro.. Lucia Vignoli, 2015	95
Figura 54 -	Seu Dino, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015	96
Figura 55 -	Campo Grande, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015	97
Figura 56 -	Comunidade Astrogilda, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015	98
Figura 57 -	Saudades de, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015	99
Figura 58 -	Alugado, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015	100
Figura 59 -	Ary amoroso. Lucia Vignoli, 2015	101
Figura 60 -	Pingo, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015	102
Figura 61 -	Noite Krahô. Lucia Vignoli, 2015	104
Figura 62 -	Noite Krahô. Lucia Vignoli, 2015	105
Figura 63 -	Fala de Getúlio, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015	106
Figura 64 -	Não são só palavras. Lucia Vignoli, 2015	107
Figura 65 -	Não são só palavras. Lucia Vignoli, 2015	108
Figura 66 -	Capricho do destino. Lucia Vignoli, 2015	109
Figura 67 -	Capricho do destino. Lucia Vignoli, 2015	109

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	PREÂMBULO	17
2	COMEÇAR — A ALEGRIA DE	28
3	PENSAR PAISAGEM — RUAS, FEIRAS, MERCADOS, PESSOAS	40
4	SUPERFÍCIE AMOROSA DA VIDA — EM QUE PERDIDO FOTOGRAMA SE ENCONTRA?	72
5	COTIDIANO RETORNO À CASA — O FORA DO DENTRO	88
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
	REFERÊNCIAS	111

INTRODUÇÃO

Trocas contínuas são as palavras do agora para falar da movediça condição de *Ondulações, rastro e livro e arte*. O intento de viver um silêncio a si, mesmo não alcançado, agrega força no exercício de se pensar-estar em águas. Correntes, claras ou violentas. Para fabular ser possível alcançar a ampla escuta e compor o mapeamento de trajetos - constelações de recolhimentos do correr da vida – conjuntos, agregados num livro. Processos se firmam. No ato de reunir. Pessoas, perdidos fotogramas, palavras.

Em trânsitos, ou transes pelo cotidiano movimento, águas deslizam, desviam.

Ondas de luz, de som, de água são as vigências para um incerto medir, pesar. Para o mergulho. Há que se ler a paisagem. Tudo vibra.

O texto aqui adere ao ritmo de passadas tornando nítida a necessidade de adotar uma formatação própria que por vezes trata a massa impressa como imagem, com diferentes espaçamentos e tabulações, e em outras traz a imagem como uma escrita. Nesse sentido, as páginas com os fotogramas (imagens colhidas) sinalizam parte do percurso geográfico empreendido durante a pesquisa e se apresentam impressas em papel vegetal, operando uma fusão com o texto. Foram experimentadas para as frases do título e de cada capítulo-seção, impressões em braile. Mais uma língua, mais uma voz, mais um espaço.

Preambula-se nas pequenas luzes indiciais – candeias – que acendem o caminho. Seguir pessoas e com elas conversar. E o que se consegue apanhar do que brota fica a espera de outro broto. Focar o olhar em crianças e jovens no encontro da sala de aula, que dançam e desviam e escrevem e desenharam. Tudo vida.

Começar — a alegria de, segunda seção do presente livro-tese, mostra o modo bússola errática de se aventurar a pensar-ondular a paisagem.

Por pessoas, mercados e feiras, a gira pela rua concedeu a ampliação de terrenos e o atravessamento de melodias para seguir os rastros da intenção e do desejo.

Em Superfície amorosa da vida, a quarta seção, foram adotados procedimentos para associação de texto e imagem com rasgos rítmicos nas bases das páginas impressas e se fez presente a ação de escrever-desenhar em imagens de águas fragmentos de poemas retirados do *Mais cotidiano que o cotidiano*, de Alberto Pucheu. Sobre águas, “para algo ao menos permanecer o mesmo em nós: o amor.”

Em estado aberto, processante, a tese-livro *Ondulações* mira os mínimos movimentos do agora, no retorno cotidiano à casa, para seguir as variações da luz e se valer da grande corrente.

Em finais considerações palavras se arriscam em desenho para afirmar a circularidade de *Ondulações: rastro e livro e arte*.

Figura 1 - Águas. Lucia Vignoli, 2014.



Figura 2 - Círio Fluvial. Lucia Vignoli, 2014.



Figura 3 - Caixotaria. Lucia Vignoli, 2014.



1 PREÂMBULO

Fundos da Central de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro, Ceasa, Irajá.



A cidade de caixotes vazios empilhados. Os habitantes do entorno.

Olhar a cidade de caixotes-letras amontoados, palavras desmontadas que ocultam-revelam:

desvane, desmanche

Procura-se um fantasma por entre vielas e brechas da caixotaria.

Quase se ouve uma voz a deslizar: um canto.

perdido fotograma

Em retrospecto: o texto-tese-livro-imagens-águas.

Ativa-se a contaminação do experimentado com conversas impregnadas pelo arredor.

E o imaginado no contato com palavras lidas ou ouvidas.

A pesquisa colhe dados de campo em deslocamentos cotidianos.

Por cidades, estradas e pessoas.

Investe por 'fatiar' instantes, e os postar em lâminas e examinar.

Figura 4 - Belém do Pará. Lucia Vignoli, 2014.



Na desapareição, encontrar o perdido fotograma, perdido cinema – memórias residuais.

A projeção embaçada de um movente cromo é provocada por sutis ajustes em discos de vidro.

Ações sujeitas ao exercício de um ‘móvel’ olhar.

Olharmóvel sensível a ondulações e flutuações entrelaçadas ao que emerge de lembranças.

Surgem palavras, insistem melodias que tentam ser traduzidas.

2013: a proposta de investigação, nomeada Variações Monumentos, para entrever os mínimos instantes presentes no encontro da rua, do outro, dos livros, das memórias e histórias contidas em falas, músicas, sons e imagens, disparou a ação de recolher vocábulos.

A primeira apropriação acontece como uma revelação.

Havia o desejo de um nome.

Afirmava-se a palavra Monumento.

Após concerto no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a orquestra retorna para o bis e executa

Variações sobre um tema original para orquestra Op. 36 “Enigma”,

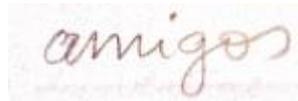
Variações Enigma.

Figura 5 - Da Gávea. Lucia Vignoli, 2014.



A música, composta em 1898 por Edward Elgar, contém um conjunto de catorze variações sobre um mesmo tema, cada variante dedicada a um amigo.

A palavra variações é pinçada desse acontecimento, permeada pelo afeto da melodia e a companhia dos



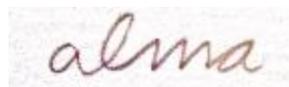
Agregada à Monumentos para designar atenção ao entorno, ao não visto, ao não processado. Soava possível.

Inicia-se o processo de anotações de palavras, produção de listas a cada leitura e escuta.

escrever–desenhar

palavras em alemão é motor de arranque para aquecer a mão e a mente.

Sitmmung  —atmosfera e tonalidade afetiva que dão cor, ao mesmo tempo à paisagem e ao estado de



Escrever se torna estudar.

Grafar e observar grafias.

A escrita como desenho.

Figura 6 - Ilha de Gorée. Lucia Vignoli, 2014.



O desenho contornando a vida.

Ler paisagens inscritas nos corpos dos meninos e meninas nas escolas que bailam e

escrevem-desenham

palavras

E por todos os campos se quer conhecer as distinções

da produção de presença, do estado vertigem,
da encruzilhada de percepções

Escrituras sobre paisagens.

Monumento cai.

A paisagem: cinema.

A paisagem: escrita.

O grande Baobá e Palmeiras Imperiais convivem no jardim do Museu Casa Quissamã.

-Kissamã

O Quilombo Fazenda Machadinha, ao longe a Lagoa Feia.

Figura 7 - Baobá em Quissamã. Lucia Vignoli, 2014.



A música.

Melodias persistem.

Samba.

Estar em roda.

Em gira

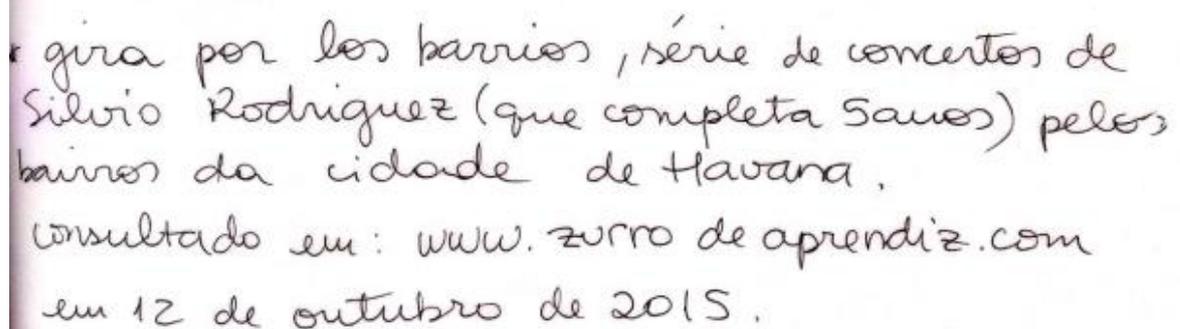
A deriva.

Possíveis.

Horizontes.

O modo *never ending* Deriva – *gira interminabile** envolve a pesquisa e não pretende concluir ou considerar um final.

Figura 8 – Gira por los barrios. Lucia Vignoli, 2014.

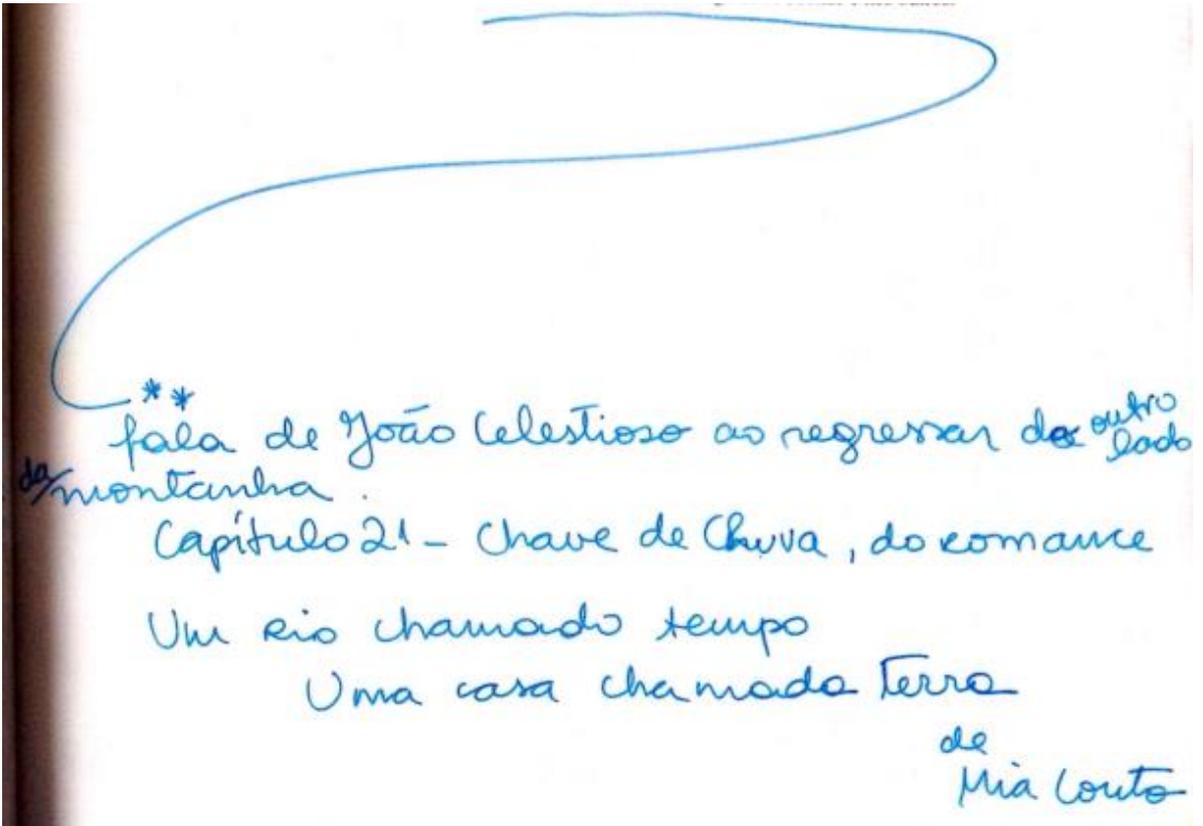


*gira por los barrios, série de concertos de Silvio Rodríguez (que completa Saues) pelos bairros da cidade de Havana.
consultado em: www.zorro de aprendiz.com
em 12 de outubro de 2015.

*

...afinal tudo são luzes e a gente se acende é nos outros.

Figura 9 – Fala de João Celestioso. Lucia Vignoli, 2014.



**
fala de João Celestioso ao regressar ^{do} outro ^{lado}
da montanha.
Capítulo 21 - Chave de Chuva, do comance
Um rio chamado tempo
Uma casa chamada Terra
de
Mia Couto

2 COMEÇAR – A ALEGRIA DE

Figura 10 - Água e rosas. Lucia Vignoli, 2014.



Figura 11 – Alegria é um cristal. Lucia Vignoli, 2014.



Se a paisagem pode aparecer como o lugar de emergência de uma forma de pensamento, é porque a experiência sensível é fonte de sentidos.¹
Michel Collot

Móvel Ondular — estado sensível durante andanças por cidades; antes nomeado de *Derivas*. Estado — bússola errática — que diz dos sentidos do sujeito lírico presentes na obra de Michel Collot.

O sujeito lírico vive o fora (de si), campo de desapego, desvio destinado a pertencer ao outro, ao tempo, ao mundo, à linguagem.

Nos “entre-espaços” que afetam o corpo desenham-se trajetos.

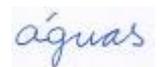
Algo descola o controle, amplia os movimentos interiores.

O percurso altera-se pelo que brota das sensações manifestas em palavras-imagens.

Por contaminações de mundos, no encontro com o outro, impressões íntimas são acumuladas e decantam-se em reservatórios nos quais a matéria-emoção se consubstancia às palavras.

Collot designa paisagem como um “fenômeno que não é nem uma pura representação, nem uma simples presença, mas o produto entre o mundo e um ponto de vista: é uma extensão de uma região (de um país) que se oferece ao olhar de um observador”². E assinala três elementos que envolvem a paisagem: local, olhar, imagem.

A pesquisa *Ondulações* adere a esses elementos variáveis como: um local (permeado por encontros, impressões visuais, auditivas e vocais), um olhar (muito móvel), uma imagem (que são lâminas de instantes) e



¹ COLLOT, Michel. Poética e filosofia da paisagem/ Michel Collot; tradução: Ida Alves...[et al.]. – Ed. – Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.p.17.

² Ibidem, p.17.

Figura 128 - Rio São Francisco, Juazeiro da Bahia. Lucia Vignoli, 2014.



A voz projeta visões.³
Gaston Bachelard

Uma convocação: a viragem ao exterior. O encontro com o outro (este que invade) e o transferir estados. O outro acena, sujeito lírico embala-se pela língua, entrega-se ao mundo, serve-se do que lhe afeta.

Ao experimentar a paisagem, a artista Karina Dias cria uma situação, uma

situação em paisagem

“para conceber um lugar por meio dos sentidos, uma arquitetura do sensível que edifica o espaço em nosso íntimo”⁴.

ondulação

As sonoridades das ruas, as falas, as músicas que atravessam: os discursos coletados.

Assim, as imagens em filmes, aproximam-se do gesto da coleta presente nos arranjos de Alberto Pucheu.

Necessito de frase alheias, de obras alheias, como de comida... e elas vão deixando de ser alheias... vão sendo minhas... e eu vou deixando de me ser... vou sendo elas... as frases ganham o cheiro de minha carne, o percurso de meus intestinos e o pensamento que me quer escrever... eu apreendo cheiros alheios, não experimentados até então. São membros que me ampliam para o mundo, as frases. Utilizo os outros apenas quando não podem deixar de ser um terceiro entre eles e eu. Criamos juntos um terceiro corpo, em cuja invenção me descubro, mais do que sozinho.⁵

Terceira perna — tripé

³ BACHELARD, Gaston. A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria/Gaston Bachelard (tradução Antonio de Pádua Danesi). – 2ª.ed.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. p.196.

⁴ DIAS, Karina. Entre visão e invisão: paisagem: por uma experiência da paisagem no cotidiano. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010. p. 145.

⁵ PUCHEU, Alberto. A fronteira desguarnecida: poesia reunida 1993-2007. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007. p. 245.

Figura 13 – Poço Verde, Rio Teresópolis. Lucia Vignoli, 2014.



Através da captação em filmes digitais em diversas cidades percorridas, confeccionou-se o filme-contínuo *Derivas*.

Entrelaçado a discursos orais, produções literárias, músicas e imagens aquáticas, o filme põe-se em constante construção.

Nele, são inseridos novos registros indefinidamente com o propósito de articular sensações identificadas no fluxo cotidiano das cidades, acionadas por luzes oriundas de intercâmbios subjetivos.

A palavra *Deriva*, na pesquisa ondulações, grafada em itálico, designa a experiência em três camadas de sentido:

- 1 Andanças cotidianas com o propósito de deixar-se levar pelos sentidos surgidos ao caminhar nas cidades, momentos em que há um diverso estado de ação, regulado pela paixão da busca. O corpo segue, acompanha, faz conexões, recolhe imagens, sons, falas, histórias, memórias.
- 2 Desvios provocados por percepções e sensações.
- 3 Conjunto de imagens-sons-lembranças-águas coletado durante as *Derivas*.

Figura 14 - Rio São Francisco, Juazeiro da Bahia. Lucia Vignoli, 2014



Figura 15 - Castanhal, Pará. Lucia Vignoli, 2014.



Essa escrita tem movente construção.

Frases em caixa alta “pescadas” no livro *No Contemporâneo: Arte e Escrituras expandidas*, de Roberto Corrêa dos Santos, se alternam a atravessamentos de palavras escritas-à-mão, colhidas ao vento: intervalos, ideias à margem, pausas e fluxos, pensamentos íntimos, imagens.

À coleção dessas palavras e frases juntam-se outras compostas por extratos de leituras, falas, escutas, lembranças.

No percurso, aderiram-se à tese-livro (impressas em negrito na fonte Courier New tamanho 16) frases retiradas do *Diante da Imagem* de George Didi-Huberman.

Ondulações, em três seções:

Pensar paisagem — ruas, feiras, mercados, pessoas

O cotidiano encontro com a rua a cidade e as falas de pessoas aparece entrecortado ao desenho de territórios em que o eixo de ação e percepção relaciona-se à definição de pensamento-paisagem (Michel Collot). E, em tudo, uma canção ressoa por entre águas e línguas para lembrar Luiz Carlos da Vila, Candeia, pescadores, sereias.

Superfície amorosa da vida — em que perdido fotograma se encontra?

Um desvio pela obra *Mais cotidiano que o cotidiano* de Alberto Pucheu. Um assalto às suas frases e aos sentidos em camadas, em transparências, uma poética desvelada em fotogramas dos filmes *Derivas*.

Cotidiano retorno à casa — o fora do dentro

A travessia pelo *Mais cotidiano que o cotidiano* promove na terceira seção: o retorno ao mundo íntimo e doméstico que se desvia ao submergir por situações em casa de amigos, com o ruído de fora captado nas projeções de lentes em janelas. O estado *móvel ondular* para além de si persiste e instala-se em permanente retroalimentação.

Figura 16 - Desejo tornado visível. Lucia Vignoli, 2014.



3 PENSAR PAISAGEM – RUAS, FEIRAS MERCADOS, PESSOAS

Figura 17 - Rio São Francisco, Juazeiro da Bahia. Lucia Vignoli, 2014.



Percorrer sombras e escrituras em movimentos pelas ruas e espaços das cidades proporcionam encontros súbitos de alta densidade conectiva. Na medida em que são apreendidas imagens por meio digital nas *Derivas*, emergem lembranças, nascem outras ligações.

**obscurece de certo modo a evidência da sua
apreensão**

A ARTE E O PERCORRER SOMBRAS

recolher

A ARTE A OBSERVAR EM VIDAS AS SUBSTÂNCIAS MOVENTES

palavras

frases

imagens

falas

sons

águas

Figura 18 - Rio São Francisco, Juazeiro da Bahia. Lucia Vignoli, 2014.



tudo nos pede para ver mais adiante

Sombras de passantes transitam num dia ensolarado de feira e festa em Madureira.

Música ao fundo, falas, som e imagens de águas se alinham a grave voz que recita um texto no qual se repete a palavra Candeia.

A chama não se apagou

Nem se apagará

És luz de eterno fulgor

Candeia

O tempo que o samba viver

O sonho não vai acabar

E ninguém irá esquecer

Candeia

Figura 19 - Círio Fluvial. Lucia Vignoli, 2014.



Março de 2012: um passeio para mostrar a Floresta da Tijuca a uma atriz natural do Togo.

A exuberância da paisagem, o som da cidade ao longe combinado às conversas, frases e cantigas verbalizadas em seu dialeto, Mina, arremessam ao desejo de transpor a letra da música *O sonho não acabou* de Luiz Carlos da Vila para o idioma do Togo.

Uma troca de sons e sentidos atravessados pela versão de uma poesia ou texto amplia a *Deriva* para além do cotidiano, cria o *monumento*.

A poesia de Luiz Carlos é registrada em alemão, japonês, russo, armênio, espanhol, urdu, mina, changana e krahô.

Vocalizada em diferentes línguas é articulada às imagens captadas nas *Derivas* por cidades diversas para a ampliação de novos terrenos.

Em passagem por Dakar e Toubab Dialao no Senegal torna-se possível a captação em três dialetos locais: wulof, diôla e sérère. Uma única palavra se mantém em todos os registros: Candeia, nome artístico do compositor e sambista Antonio Candeia Filho.



móvel ondula

A ARTE E RETOQUES E LUSTROS E PEQUENAS EMENDAS

Um espaço novo se arma na escuta das versões nas variadas línguas da música de Luiz Carlos.

Vozes em eco reverberam como ondas, aderem à potente paisagem urbana e humana.

Tudo se movimenta, em altas voltagens por conexões entre “memórias, farrapos, rasgos e tendências que se conhecem como vida”⁶.

É verdade que toda obra de arte é um monumento, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua própria conservação, e dão ao acontecimento o composto que o celebra. O ato de monumento não é a memória mas a fabulação.⁷

⁶ Trecho do comunicado do Subcomandante Marcos, líder do Exército Zapatista de libertação Nacional, Quando os mortos calam em voz alta. Acesso em 04/01/13, <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/A-reparacao-do-Subcomandante-Marcos-nos-20-anos-do-levante-zapatista/6/29905-do-levante-zapatista/6/29905>

⁷ DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p 21.

Figura 20 - Espumas. Lucia Vignoli, 2014.



A ARTE E SEUS VERBOS FORTES

Todo tempo que o céu

Abrigar o encanto de uma lua cheia

E o pescador afirmar

Que ouviu o cantar da sereia

E as fortes ondas do mar

Sorrindo brincar com a areia

A chama não vai se apagar

Candeia

Figura 21 - Círio Fluvial. Lucia Vignoli, 2014.





Paquetá: Carnaval, 2014.

Do espelho d'água a câmera avança ao relevo da Baía de Guanabara.

Soa ao longe a música *Cidade Maravilhosa*.

Pela lente de aumento um coqueiro em sutil movimento é projetado na parede amarela.

A visão da janela que se projeta em Juazeiro da Bahia permite perceber micro movimentos do rio São Francisco.

A voz em sérère canta para Candeia.

Onde houver uma crença

Uma gota de fé gota de fé

Uma roda, uma aldeia

Um sorriso, um olhar

Que é um poema de fé

Sangue a correr nas veias

Um cantar à vontade

Outras coisas que a liberdade semeia

O sonho não vai acabar

Candeia

: o visível, o legível e o invisível.

A música no fluxo das sensações dá à cidade novas ligas e iluminações.

Vozes se espraiam no ar. O vendedor de bolas na praia; seu andar cadenciado, as cores das bolas pintando a paisagem. Ele surge, desfila. Fala sobre sua vida, de onde e como vem com as bolas. Ele parte, uma melodia se afirma. O movimento do mar traz a passagem do homem monumento que vem de longe vender bolas na praia no domingo de sol.

Figura 22 - Coqueiro em Juazeiro Lucia Vignoli, 2014.



Figura 23 - Rio São Francisco. Lucia Vignoli, 2014.



A música faz criar sentimentos ou, em todo caso, lhes dá uma forma inexistente.⁸

“é a máquina que puxa o trem.”⁹

A melodia é portanto o que há de primeiro e mais universal, podendo por isso suportar múltiplas objetivações, em múltiplos textos.¹⁰

A ARTE E AS LETRAS

⁸ CASTORIADIS, Cornelius. Janela sobre o caos. São Paulo: Ideias e Letras, 2009. p 105.

⁹ Resposta do cantor e compositor Milton Nascimento à pergunta: O que é a música? Programa Zumbido da Rádio MPB FM.

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia, ou Helenismo e Pessimismo. Tradução, notas e pós-fácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p 48.

Figura 24 - Vanildo. Lucia Vignoli, 2014.



Figura 25 - Fotograma Vanildo, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2014.



O cinema mental de Italo Calvino, “ que funciona continuamente em nós, mesmo antes da invenção do cinema, e não cessa de projetar imagens em nossa tela interior”¹¹ é um convite para

Ir contra uma maré

Lutei toda a minha vida contra a tendência ao devaneio, sempre sem jamais deixar que ele me levasse até as últimas águas. Mas o esforço de nadar contra a doce corrente tira parte de minha força vital. E, se lutando contra o devaneio ganho no domínio da ação, perco interiormente uma coisa muito suave de se ser e que nada me substitui. Mas um dia hei de ir, sem me importar para onde o ir me levará.¹²

a abertura de todos os ventos do sentido

Circular por mercados e feiras, entre o burburinho das trocas, os pregões e as variadas cenas é um convite pra se deixar levar por uma maré.

A ARTE E OS SENTIMENTOS RÁPIDOS

escala cromática de paixões e desejos

face opaca

¹¹ CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹² LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. p 302.

Figura 26 - Rio São Francisco. Lucia Vignoli, 2014.



instalação de mundo

“ O rio de murmúrios da memória”¹³ conecta-se com as imagens captadas na cidade.

A memória a acender zonas de intensidades ficcionais em torno das relações do homem e o lugar onde vive ou passa.

Na entrevista do documentário *Fellini: eu sou um grande mentiroso*, o cineasta qualifica a memória como um elemento misterioso, quase indefinido, que nos liga às coisas que não nos lembramos de ter vivido.

Mas ela constantemente nos incita a manter contato com as dimensões, eventos, sensações que não podemos definir, mas que sabemos confusamente que aconteceram.¹⁴

A ARTE E A PESQUISA DE IMAGINÁRIOS

“Quando um olhar fulgurante se apodera de um desvanecimento, só pode conservá-lo puro, fora de qualquer memória empírica.”¹⁵ Por *vertigem exata* Alain Badiou designa “a emoção que de nós se apodera, por menos que sejamos nós capazes de um fulgurante olhar impessoal e absoluto.”¹⁶ Vertigem que revela estado cambiante em *Deriva*, estado de dança, “metáfora da infixidez.”¹⁷

¹³ Trecho da letra da música *Bebadosamba* de Paulinho da Viola.

¹⁴ Depoimento de Federico Fellini. In: PETTIGREW, Damian. *Fellini: eu sou um grande mentiroso*. França, Itália, Inglaterra: Pandora Filmes, 2003.

¹⁵ BADIOU, Alain. *Pequeno manual de inestética*. Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p 92.

¹⁶ Id. *Ibidem*.

¹⁷ Idem.

A ARTE E OS SENSOS SAGAZES E LISOS

Por ondulações se envolvem músicas, filmes, poesias, ficções, relatos orais e imagens aquáticas. A observação de passantes, os gestos, as sonoridades e os relatos de vida, relacionados à histórias, personagens literários e músicas desenharam o mapa ficcional e afetivo.

A *Deriva* desliza por pessoas, encontros e

labirínticos trajetos de sentido

A ARTE ERGUE-SE COM O CHOQUE DOS ENCONTROS

Em *Derivas* o encontro com o outro se alinha à ideia do cineasta e documentarista Geraldo Sarno: “O documentário é o momento em que alguma coisa se ilumina na relação com o outro e que, em alguma medida, o outro me invade.”¹⁸

recolher no sonho

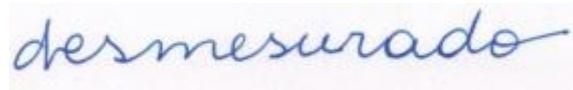
¹⁸ SARNO, Geraldo. Jean Rouch, Eduardo Coutinho e O outro eu. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2009.

Figura 27 - Tubiacanga, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2014



labirintos nos quais o saber se desvia, vira fantasma, nos quais o sistema se torna um grande deslocamento, uma grande proliferação de imagens

A ARTE A ESCOLHER SUMOS DE EXISTÊNCIAS



desmesurado

O fim de tarde em 2014: Campus UERJ Maracanã. Rebatimentos.

Desenho e movimentos de água projetados sobre a parede tornam a errância visível e capturam o olhar.

Algo se agita.

A ARTE E AS INCONTORNÁVEIS EXIGÊNCIAS DE VIDAS QUE SE MOVEM

Figura 28 – Reflexos, UERJ. Lucia Vignoli, 2014.



Lygia Pape em *Espaços Imantados*, a partir de seus deslocamentos e do encontro com o outro, considera o camelô um espaço imantado; por sua capacidade de criar um corpo no local em que se estabelece. Corpo confeccionado através da oralidade, dos gestos e dos objetos que manipula. O pequeno território onde muitas pessoas se aproximam atraídos por “um discurso irregular, às vezes curto, às vezes longo”¹⁹ que pode se desmanchar “quando de repente ele fecha a boca, fecha a caixinha e o espaço se desfaz.”²⁰ O camelô cria um acontecimento, performa na cidade através de sua fala cambiante. Sua ação é presença nos mínimos movimentos e se alinha à a dinâmica intensa presente no encontro com a rua praticado nas *Derivas*.

Através de situações carregadas por constelações dos instantes de vida, imantadas por indícios breves de memórias particulares e coletivas se encontram a vida fabulada e a realidade.

designa justamente a potência soberana do que não aparece visualmente

Por movimentos mínimos no agora, em ações subterrâneas a ocorrer silenciosas, o rapaz constrói a bicicleta/biblioteca feita em bambu e resina natural. Parte no já. Troca livros por onde passa. Estabelece campo no agir.

O agricultor varre seu terreno com uma vassoura de galhos. Afirma ser a vassoura uma caneta. Está a escrever.

O homem bebe, um Doutor. Escuta na viagem semanal de cinco horas uma Cantata de Bach, enquanto corrige provas.

O motorista de ônibus, linha 157, olha a Lagoa Rodrigo de Freitas e canta “Primavera” de Tim Maia. Se parece com o cantor e divaga: “Olha como a lagoa tá bonita cara, olha só a variação da temperatura e da luminosidade, da maré e do vento. Olha só o que tá fazendo. Coisa linda! Aí onde não tem essas cores é a parte mais funda da lagoa.”

¹⁹ PAPE, Lygia. Lygia Pape. Apresentação: Mário Pedrosa. Poemas: Luiz Otávio Pimentel. Rio de Janeiro: Funarte, 1983. p. 47.

²⁰ Ibidem. p. 47.

Figura 29 - Espumas. Lucia Vignoli, 2014.



Irene sorri, gesticula com as mãos, borda enquanto trabalha e ri. Rua das Laranjeiras, linha 497, Penha Cosme Velho.

Diante de Irene, a cobradora de ônibus que

surge aos nossos olhos para se dar a ler

Figura 30 - Fala de Irene. Lucia Vignoli, 2014.

a gente bate um papo quando a gente tá ^{muito} cansado.
 porque dobram. A gente procura bater ^{percebe que}
 um papo, chupar uma bala, tomar um café,
 chega um sorrindo, chega outro reclamando. Che-
 ga outro com raiva do que passando. Você sem
 saber de nada paga. Porque passa do ponto, às
 vezes não era aqui, quer parar lá. Ai discute,
 briga, ~~briga~~, aguide, ~~se~~ ai muito saem na pancada.
 Porque se eu chegar aqui e te tratar bem você não
 vai ter coragem de brigar comigo
 Me pediu uma informação. Ela me deu com
 todo carinho, com respeito.
 Nós mesmos fornecemos uma pedra, o outro taca
 a vidruga inteira.
 O'erse moço aqui, do jeito que ele arrepiou a
 roleta, se as minhas pernas estivessem aqui
 meu joelho tinha pagado o peso, entendem?
 E a gente tem que procurar ... pra dar
 certo.
 Irene/05

O sujeito lírico de Collot indica ser o movimento para fora de si baliza para a vida, sujeita à errância e à desapareição. Por perder controle dos movimentos interiores, sujeito lírico é arremessado em direção ao exterior, vai ao encontro do que transborda de si e para fora de si.

Submetido ao pertencer a esse outro, deixa de pertencer a si e se vale das palavras.

O arroubamento em direção ao outro conforma uma dispersão distinta da transcendência. Largar o controle ao deixar-se de corpo perdido na matéria-emoção designa o projetar-se na matéria das palavras.

O lirismo na terceira pessoa do singular se traveste da primeira pessoa do plural já que a matéria-emoção está à disposição de quem queira e possa trabalha-la. Na desapareição, sujeito lírico abre-se ao mundo atravessado por

palavras

O sonho não vai acabar

Candeia

Figura 31 - Tubiacanga, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2014.



Figura 32 - Tubiacanga, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2014.



Figura 33 - Tubiacanga, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2014.



4 SUPERFÍCIE AMOROSA DA VIDA – EM QUE PERDIDO FOTOGRAMA SE ENCONTRA?

Figura 34 - Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014.

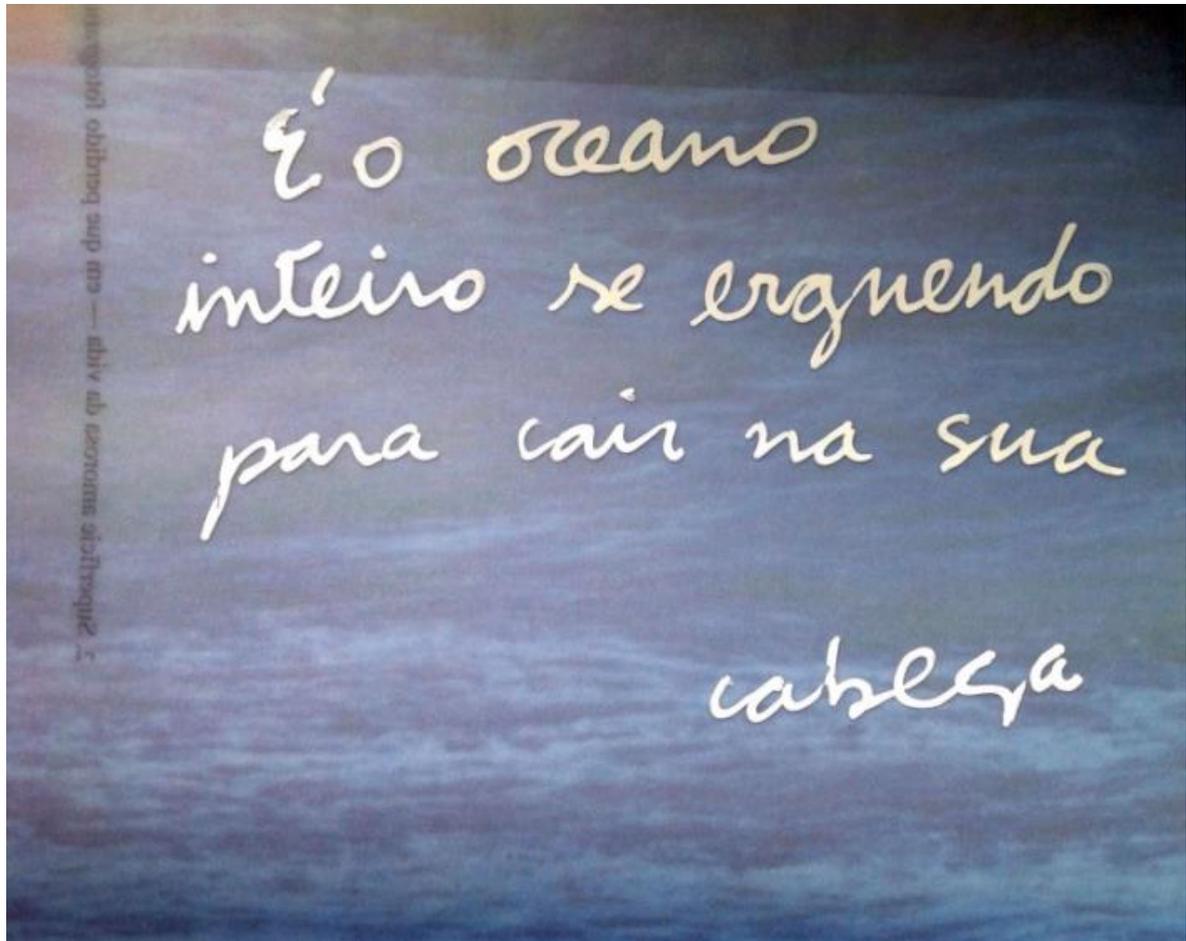


Figura 35 - Superfície amorosa da vida.. Lucia Vignoli, 2014.

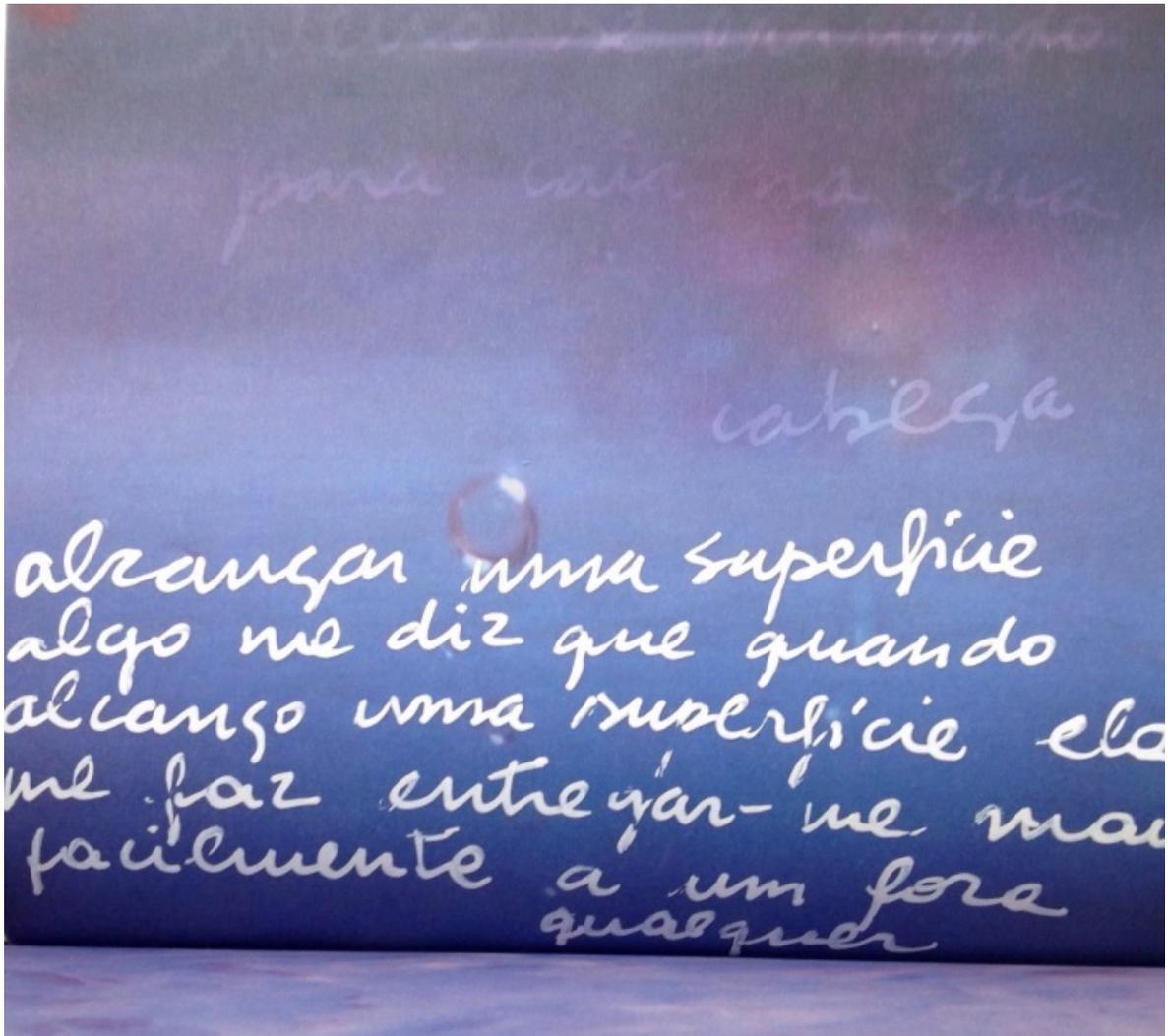


Figura 36 - Superfície amorosa da vida.. Lucia Vignoli, 2014.

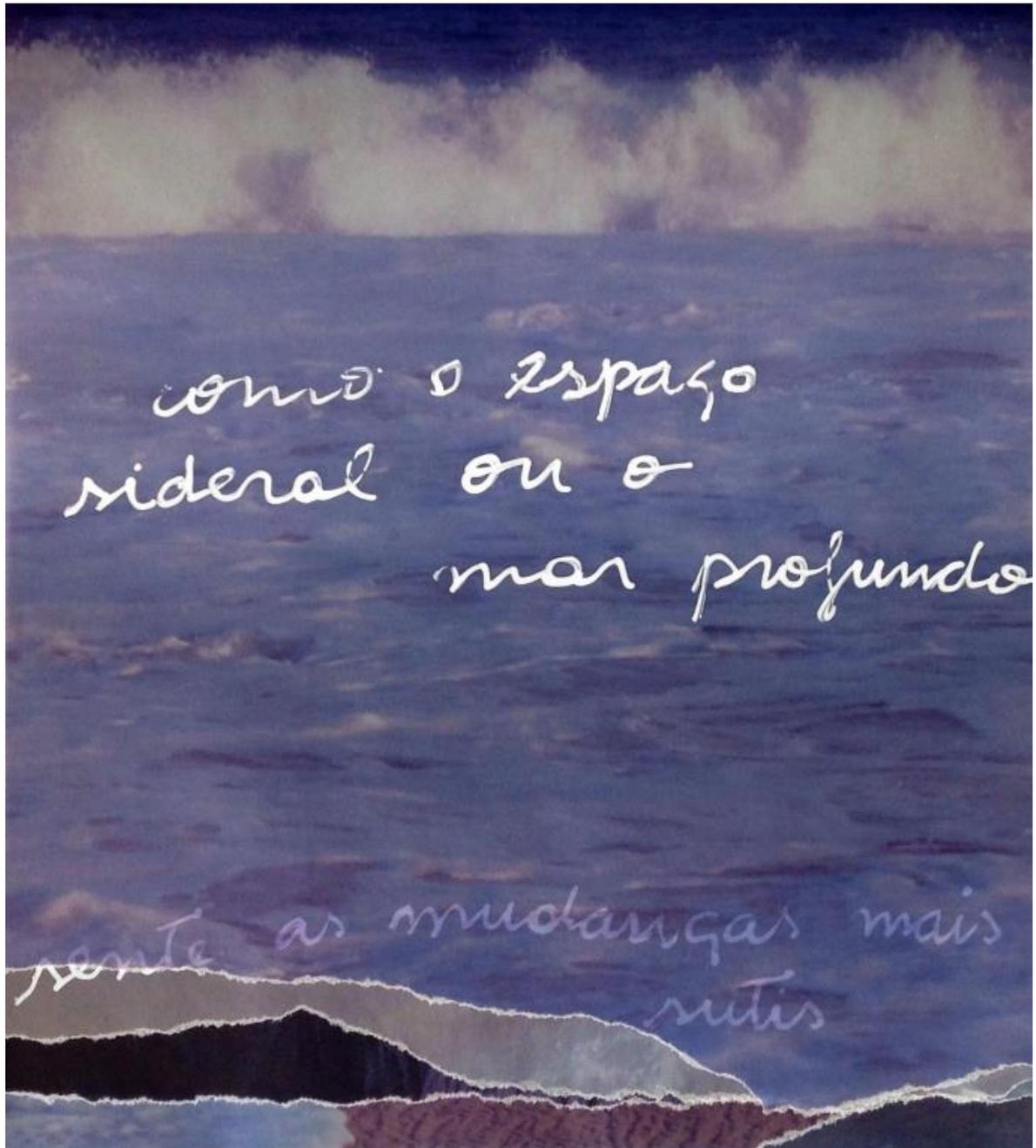


Figura 37 - Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014.



Figura 38 - Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014.

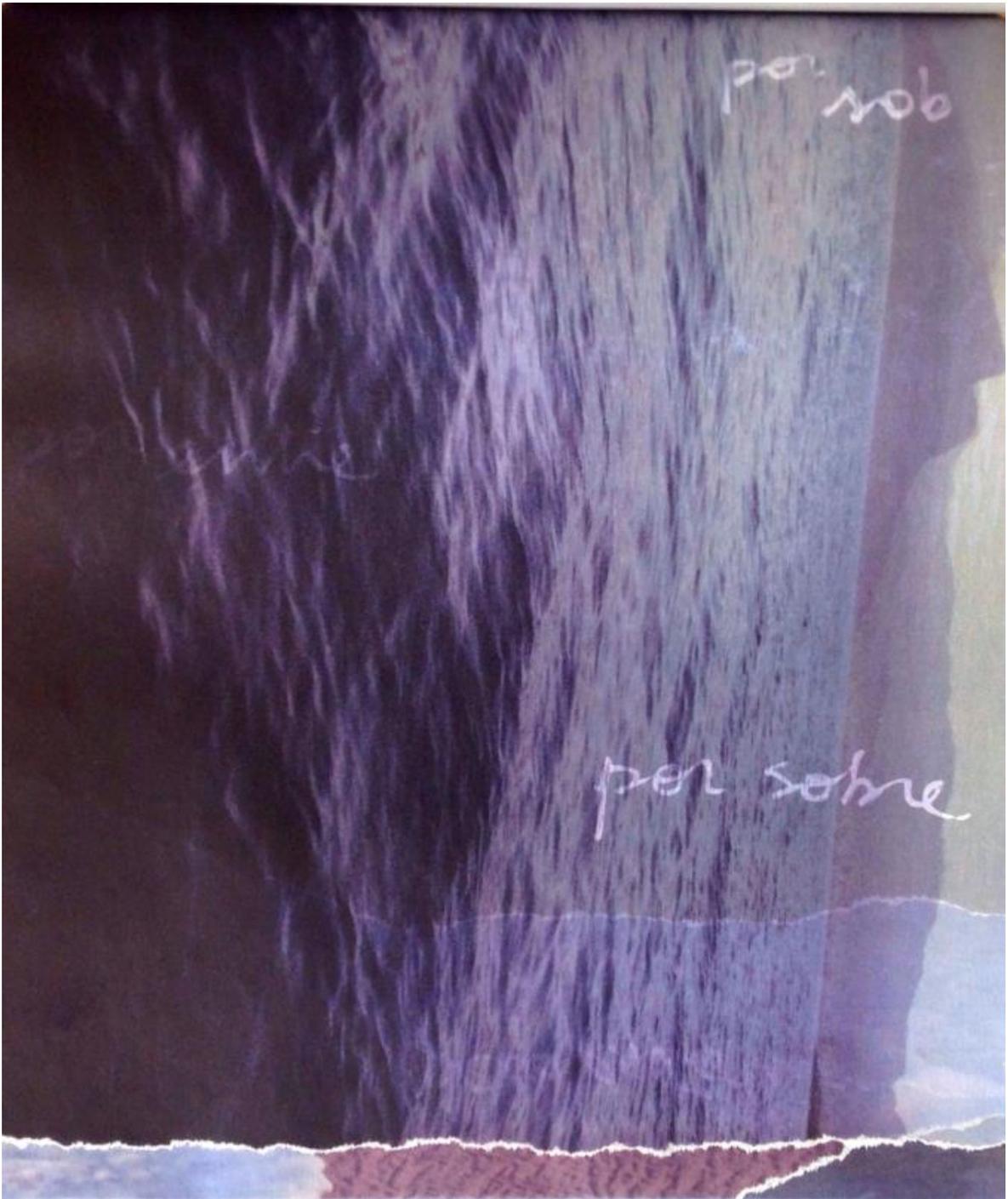


Figura 39 - Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014.

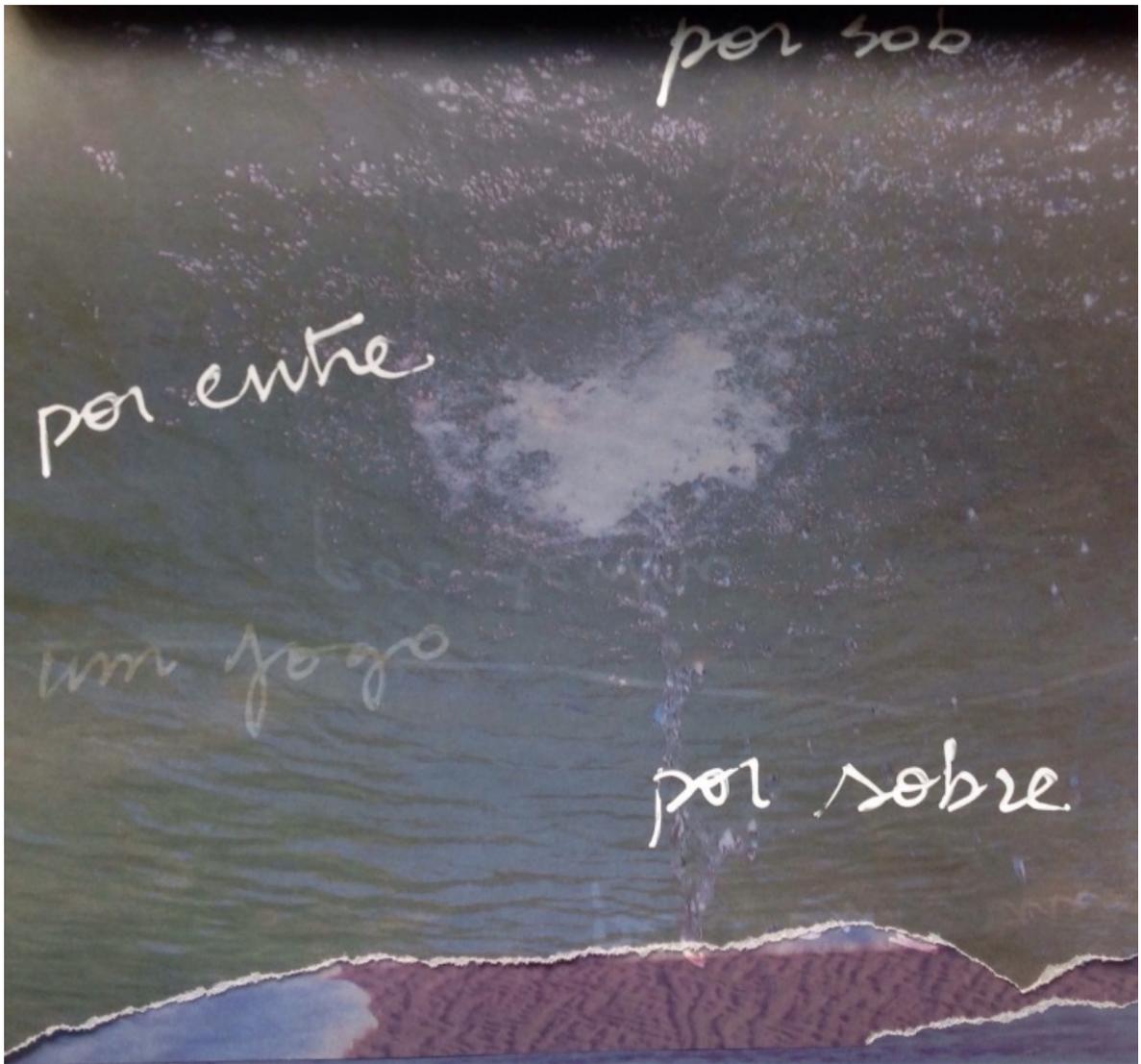


Figura 40 - Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014.

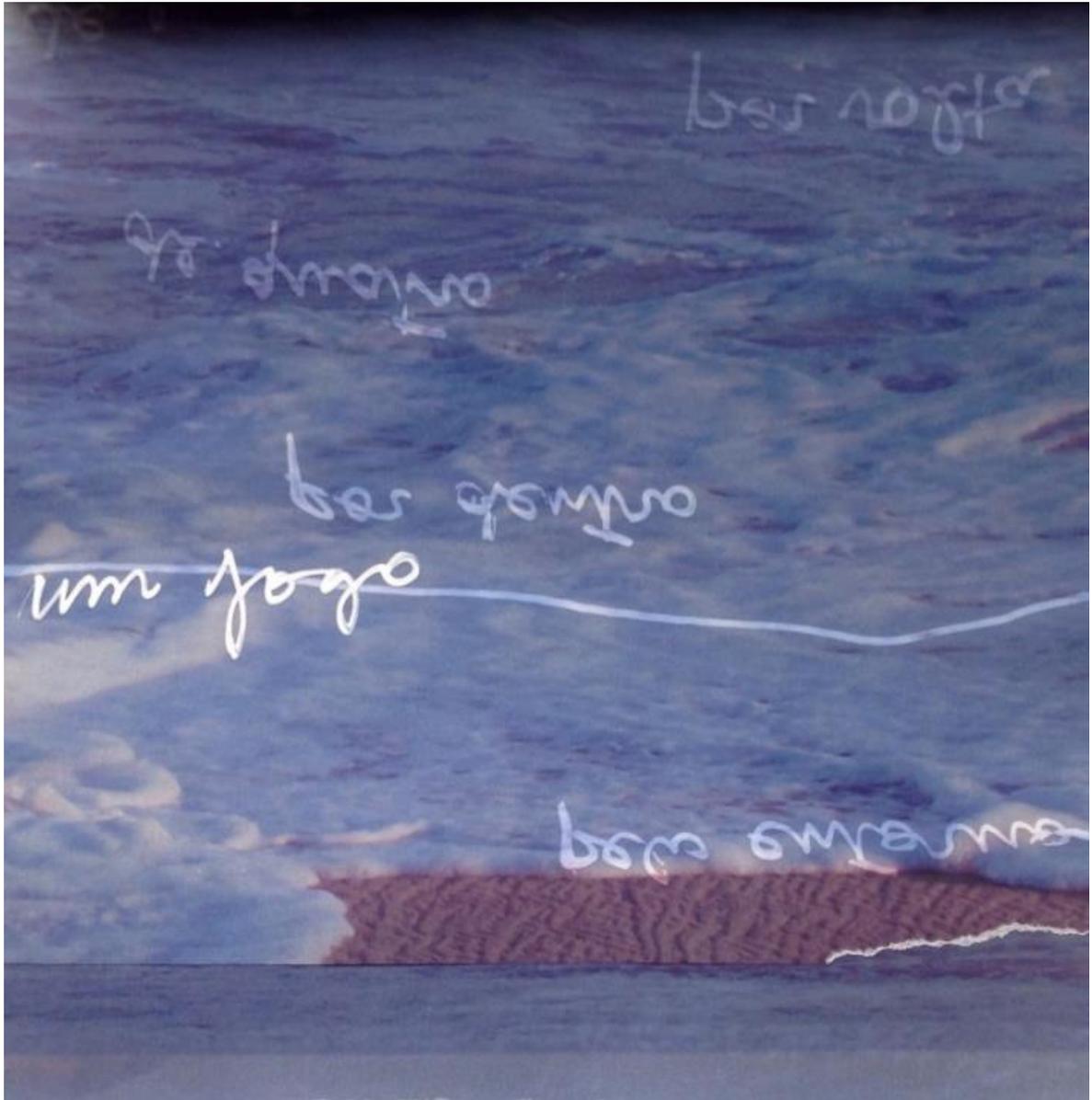


Figura 41 - Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014.

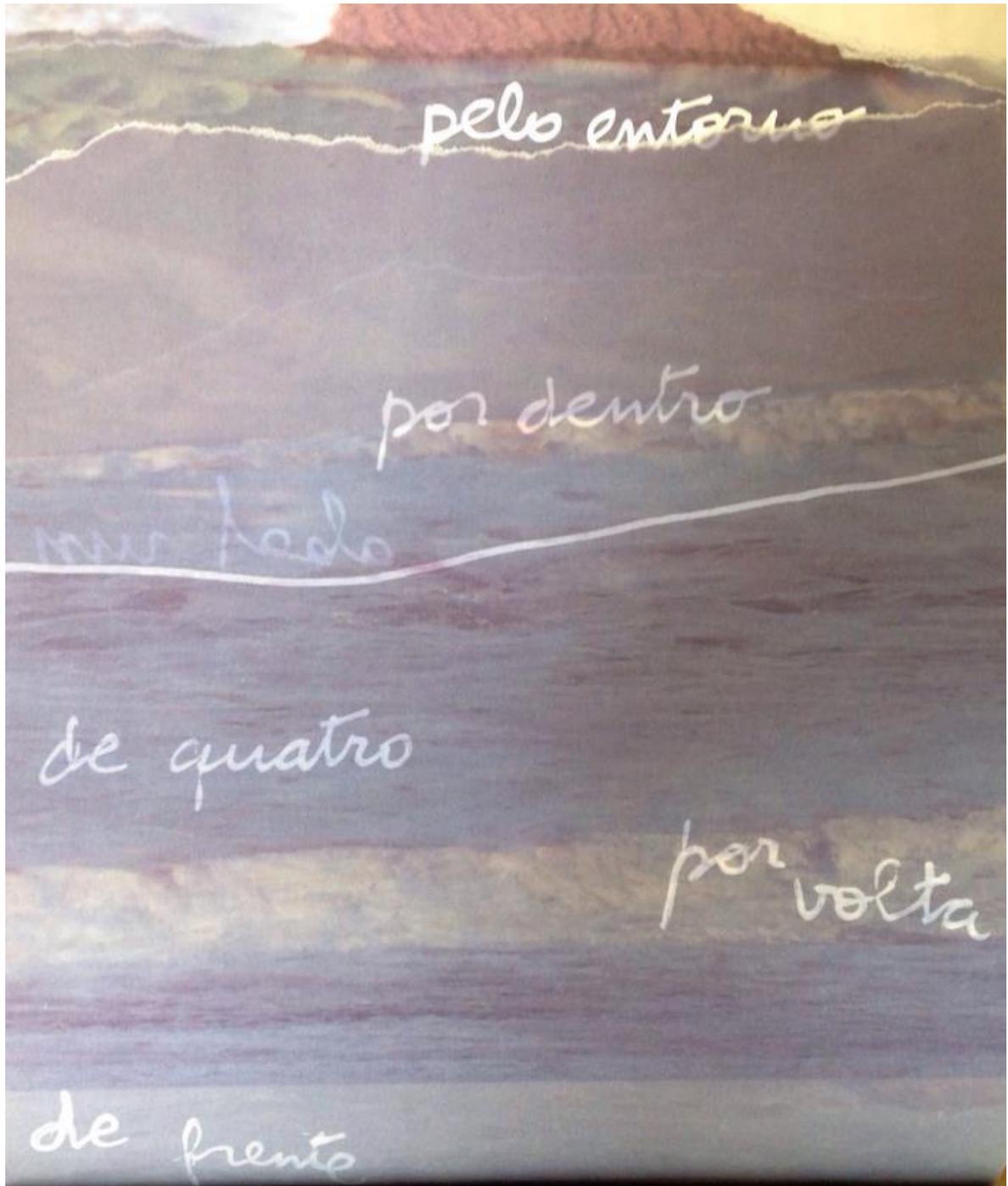


Figura 42 - Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014.



Figura 43 - Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014.

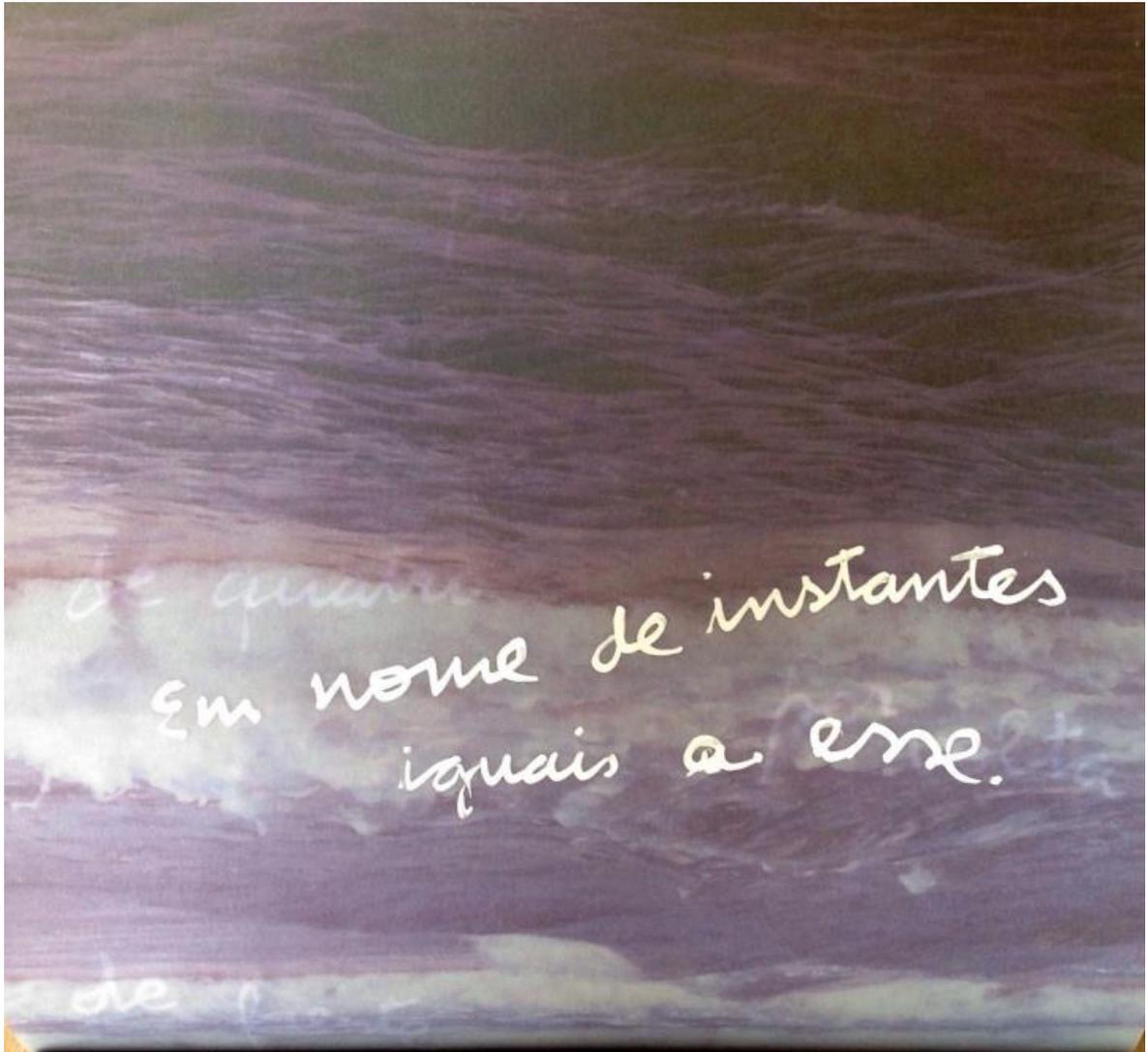


Figura 44 - Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014.

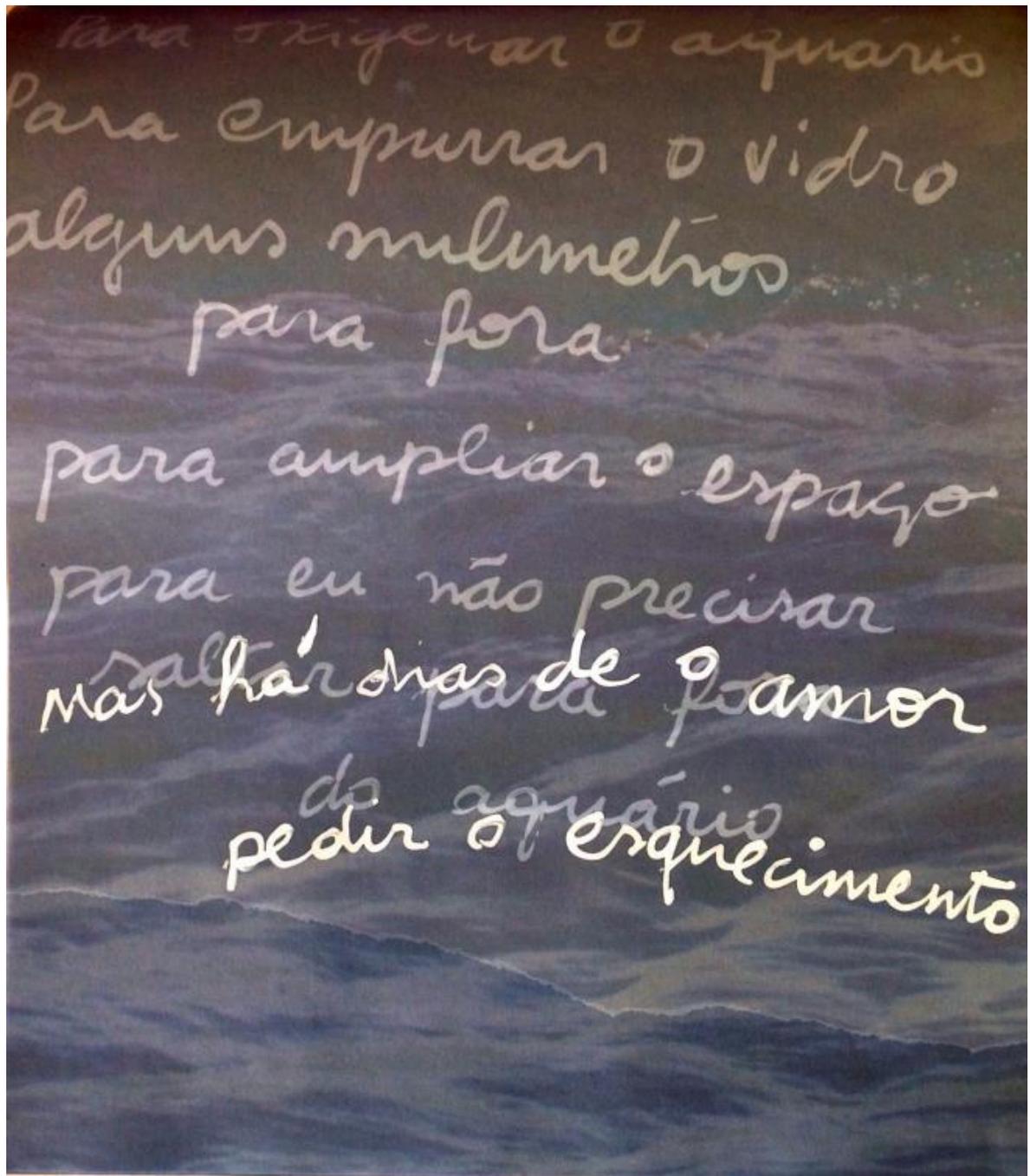


Figura 45 - Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014.

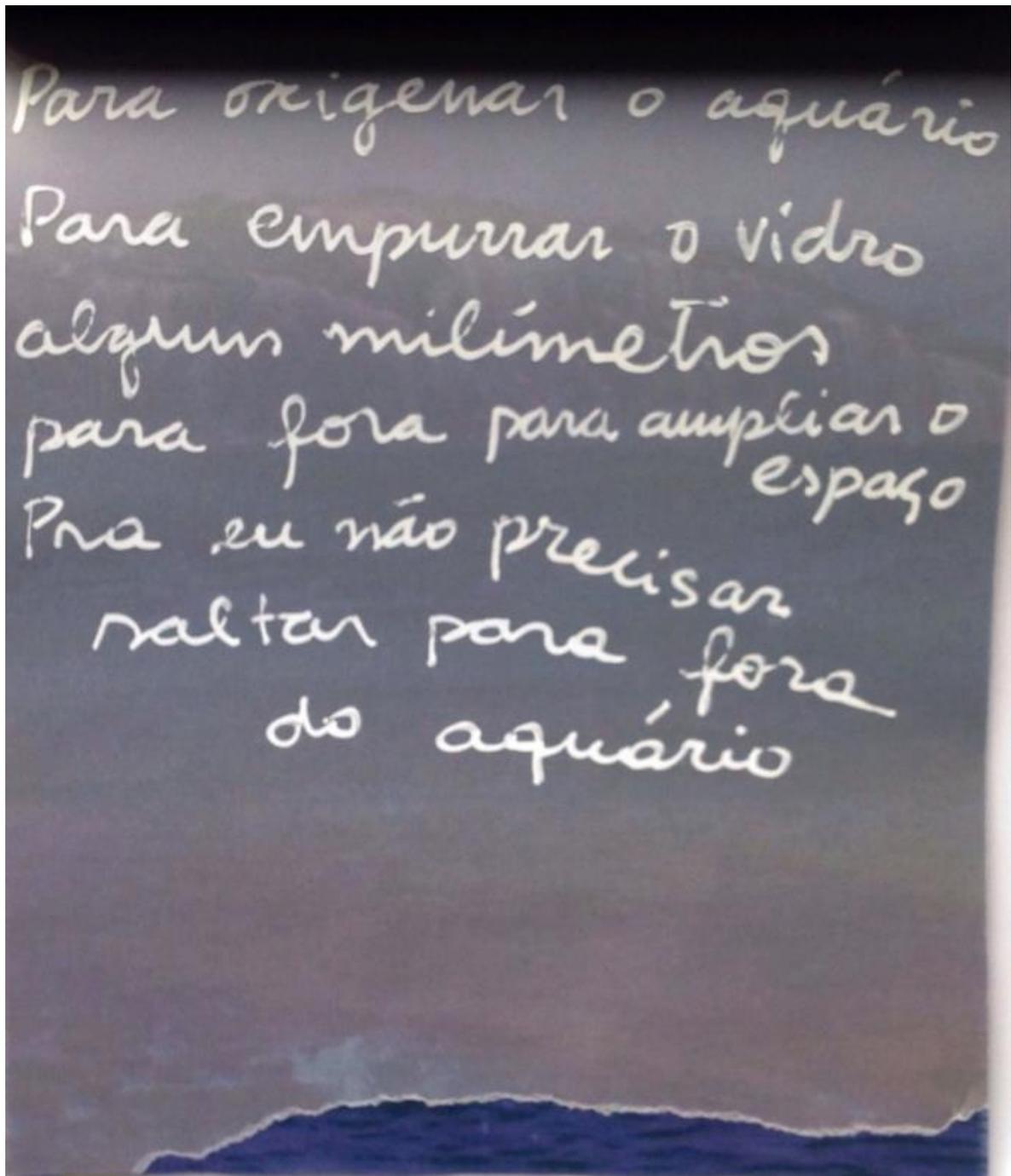


Figura 46 - Superfície amorosa da vida. Lucia Vignoli, 2014.

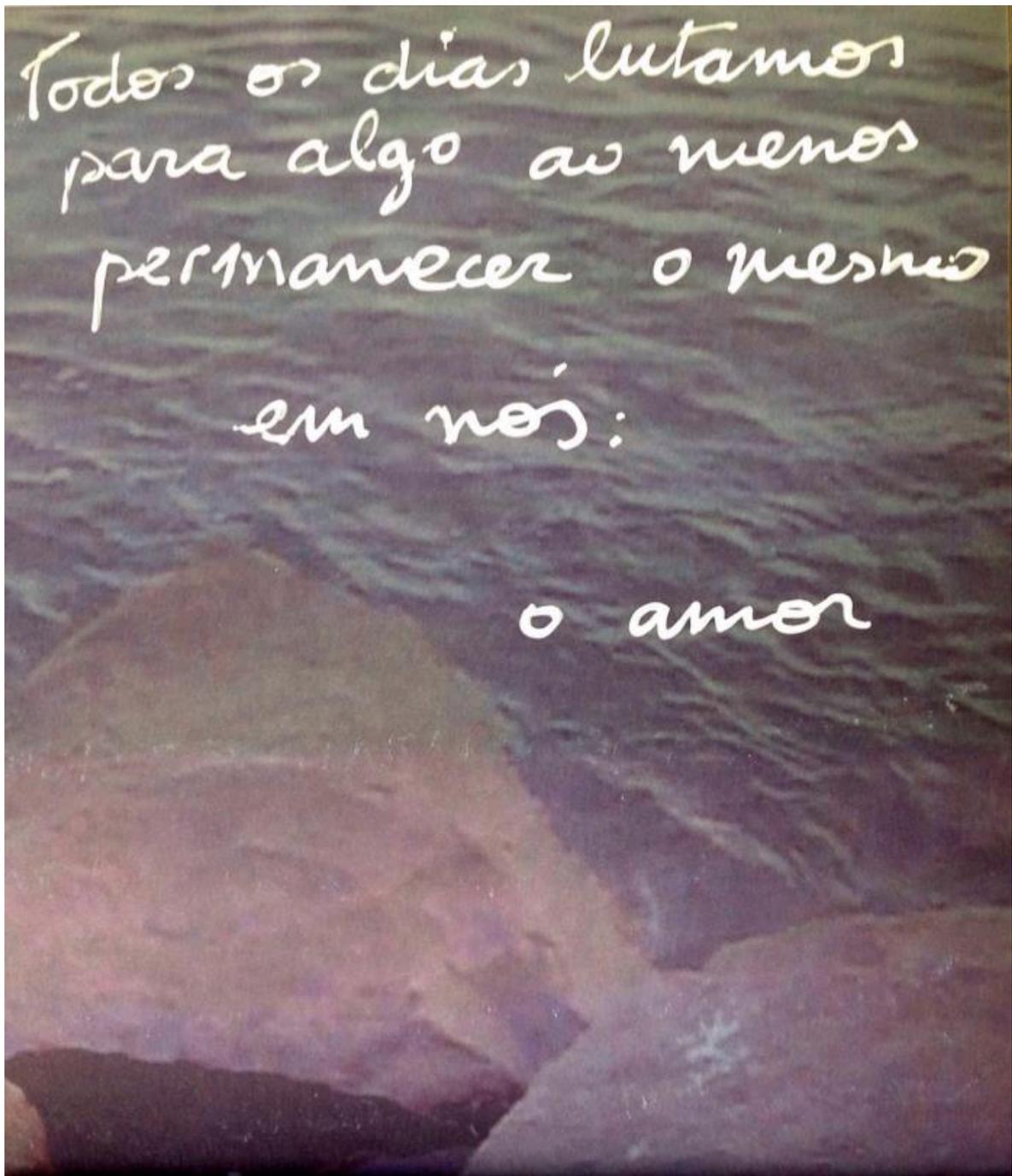


Figura 47 – Para nos darmos mais. Lucia Vignoli, 2015.



Figura 48 - Dedos do amor. Lucia Vignoli, 2015.

AMOR É OS dedos do
amor que cobrem
as horas, as noites,
as tardes e os
dias

AMOR É OS dedos do
amor que cobrem
as horas, as noites,
as tardes e os
dias

5 COTIDIANO RETORNO À CASA — O FORA DO DENTRO

Figura 49 - Névoa úmida. Lucia Vignoli, 2015.



Figura 50 - Lentes. Lucia Vignoli, 2015.



Entre estudos e leituras, a atenção desvia-se por lapsos da interferência da luz no ambiente doméstico.

Olhar ondula nos mínimos movimentos: percebe sombras, raios luminosos, rastros.

Um desvio estabelece ligações com a tentativa de desenhar palavras sobre águas.

A janela é “sugada” e projetada na parede através de lentes de aumento apoiadas em garrafas.

A projeção de rebatimentos provoca distorções, alinha-se à ação nem sempre nítida de recordar.

A lente, desenhos, palavras e águas a

*disparar escrituras
no espaço*

Abril de 2015

O mutirão Tira Caqui no Quilombo Vargem, Parque Estadual da Pedra Branca.

Celebração da colheita de caqui.

A colheita ocorre no sítio do Seu Gá, distante cerca de duas horas de caminhada morro acima.

Agricultores tradicionais, tesouros escondidos, resistem na cidade do Rio de Janeiro.

A virada do morro e a visão de Campo Grande.

No início da subida, a placa indica: Comunidade Astrogilda.

A casa de Pingo, filho da Astrogilda.

Na parede, nomes dos que já se foram e nomes dos que estão vivos.

Um quartinho com muitos LPs em estantes e instrumentos musicais.

Na vitrola, Martinho da Vila.

A casa acolhe os amigos em rodas de samba.

A piscina de água natural.

Pingo e sua bebida Parangolé, uma homenagem a Hélio Oiticica.

Mundos se cruzam.

Figura 51 - fala de Pingo. Lucia Vignoli, 2015.

por intermédio do Hélio
porque dizem que tudo aquilo que era
mistura era um Parangolé'
não cheguei a usar um Parangolé'
ele desenhava, a rosa costurava
como a bebida é uma mistura de raízes
bêi Parangolé'

Tauco fazendo um mapa cartográfico
do parque e eu si
ele quer traçar uma linha imaginária
pegando todo o Quilombo a partir
do marco 100
isso tudo é Quilombo

Pingo / RJ

Figura 52 - Caquizal, Rio de Janeiro Lucia Vignoli, 2015.



Figura 53 - Pedra Branca, Rio de Janeiro.. Lucia Vignoli, 2015.



Figura 54 - Seu Dino, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015.



Figura 55 - Campo Grande, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015.



Figura 56 - Comunidade Astrogilda, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015.



Figura 57 - Saudades de, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015.



Figura 58 - Alugado, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015.



Figura 59 - Ary amoroso. Lucia Vignoli, 2015

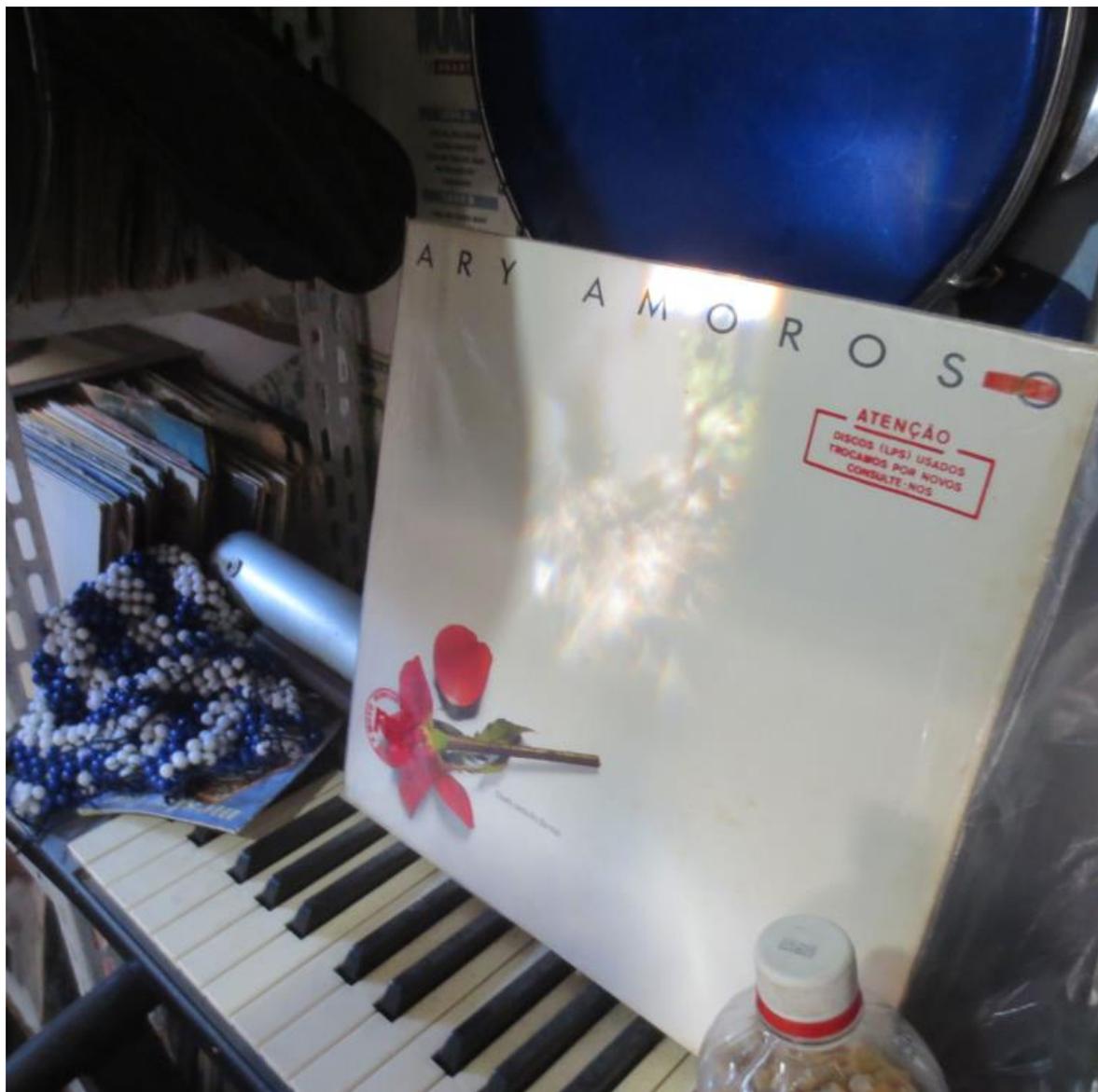


Figura 60 - Pingo, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015



Abril de 2015

Um presente ou um sonho?

A visita de quatro índios Krahôs em casa para jantar.

A leitura da letra da música de Luiz Carlos da Vila, *O sonho não acabou*.

A conversa sobre sementes, índios, sereias, sangue e águas.

Uma versão Krahô na voz de Getúlio.

Caem os véus.

Candeia, luz, chama, labareda.

Figura 61 – Noite Krahô. Lucia Vignoli, 2015.



Figura 62 – Noite Krahô. Lucia Vignoli, 2015.

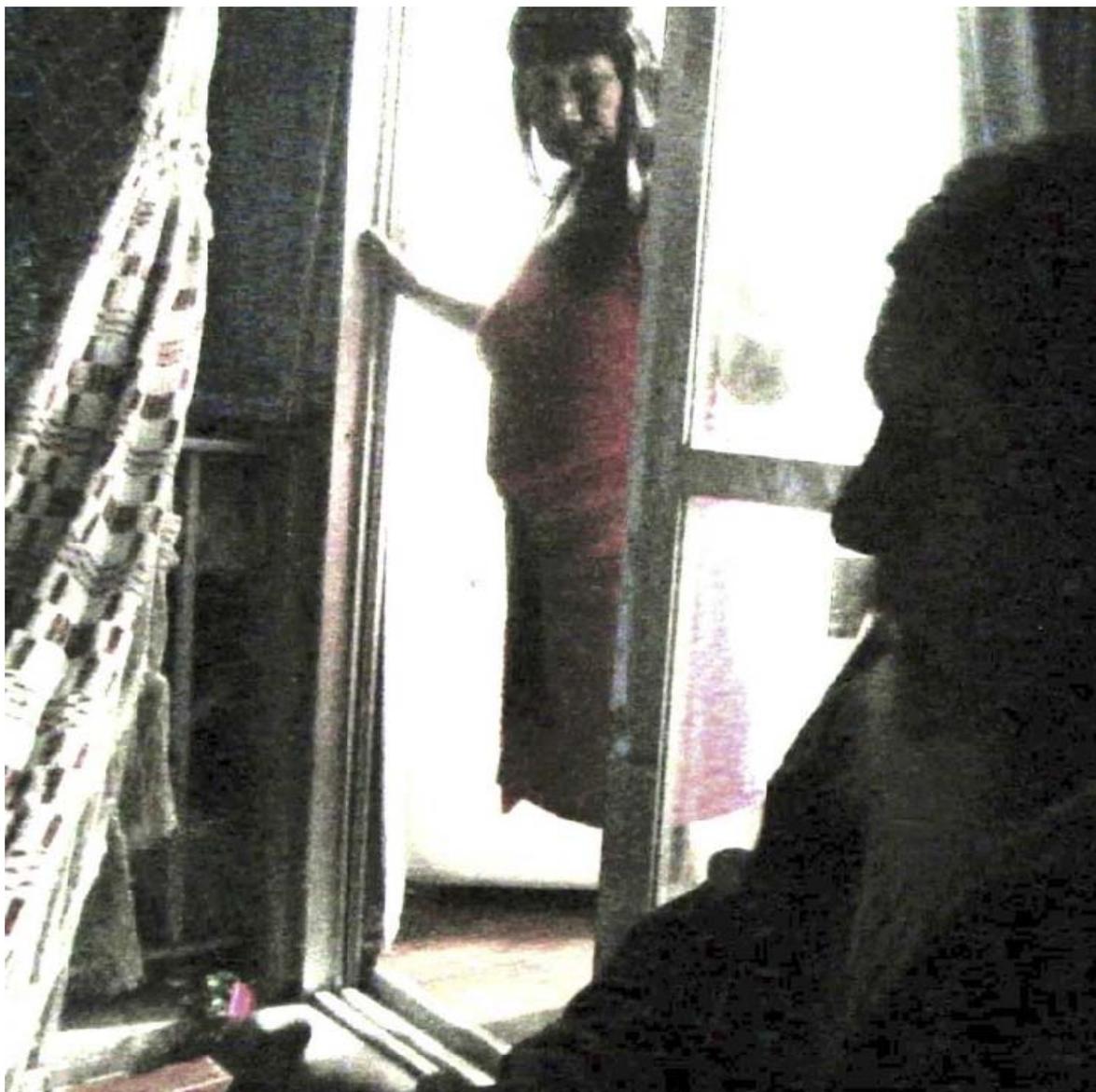


Figura 63 - fala de Getúlio, Rio de Janeiro. Lucia Vignoli, 2015.

como sereia que é luz pra novos tempos
 como sereia donde que é a rainha das águas
 passo as combinação que é a mesma família
 os índios e mesma família do sereia.
 porque no século passado os peixeiros foi
 dividido num caverna do mar
 aí os índios começaram de subir pro lugar se
 encontrar mantimento bom
 aí descobriram
 o português pegaram o sereia num tarrafa
 naonde a respiração de pouco começou de sair
 o povo confia no sereia e no boto também
 deixar essas lembranças de cantoria pros
 mais novo
 meu avô me ensinou e explicou direitinho
 pra mim não falha as cantigas do sereia
 pra concentrar a cabeça pra poder
 começar o dia

Getúlio Kruakray
TO

Figura 64 - Não são só palavras. Lucia Vignoli, 2015.



Figura 65 - Não são só palavras. Lucia Vignoli, 2015.

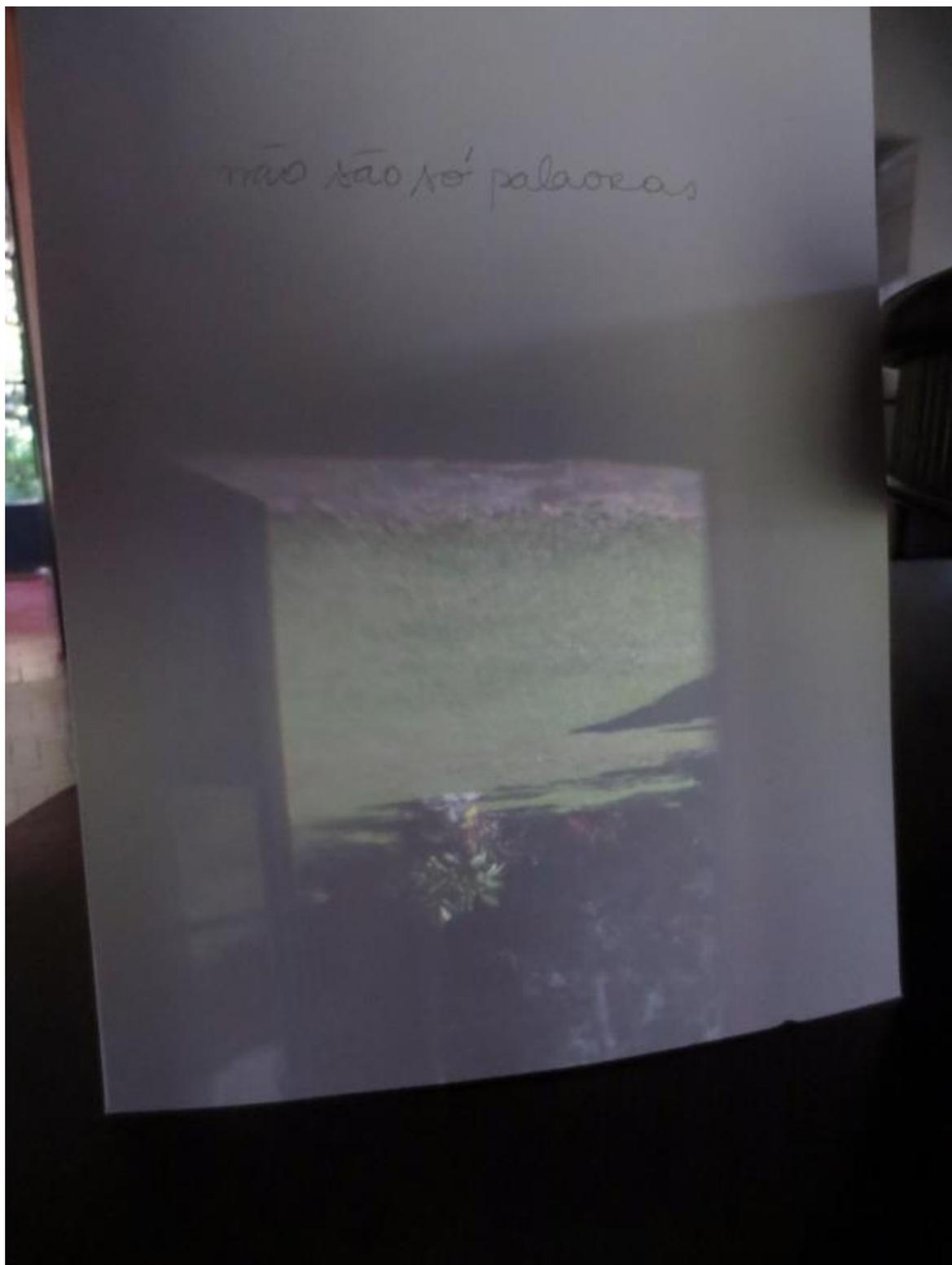


Figura 66 - Capricho do destino. Lucia Vignoli, 2015.

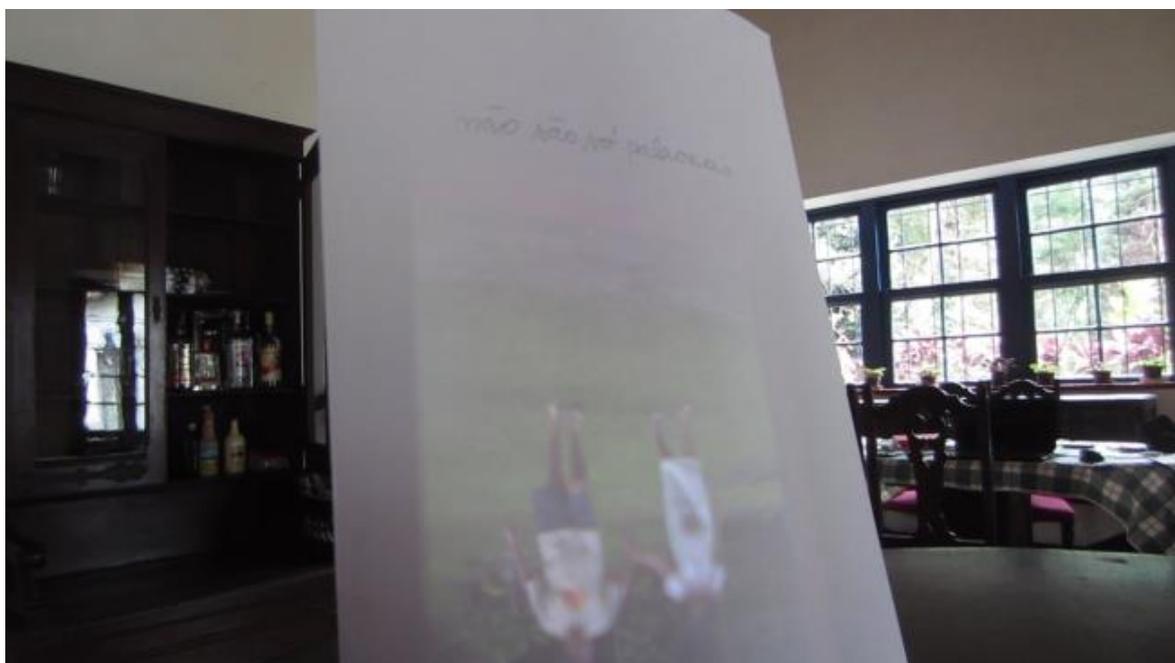
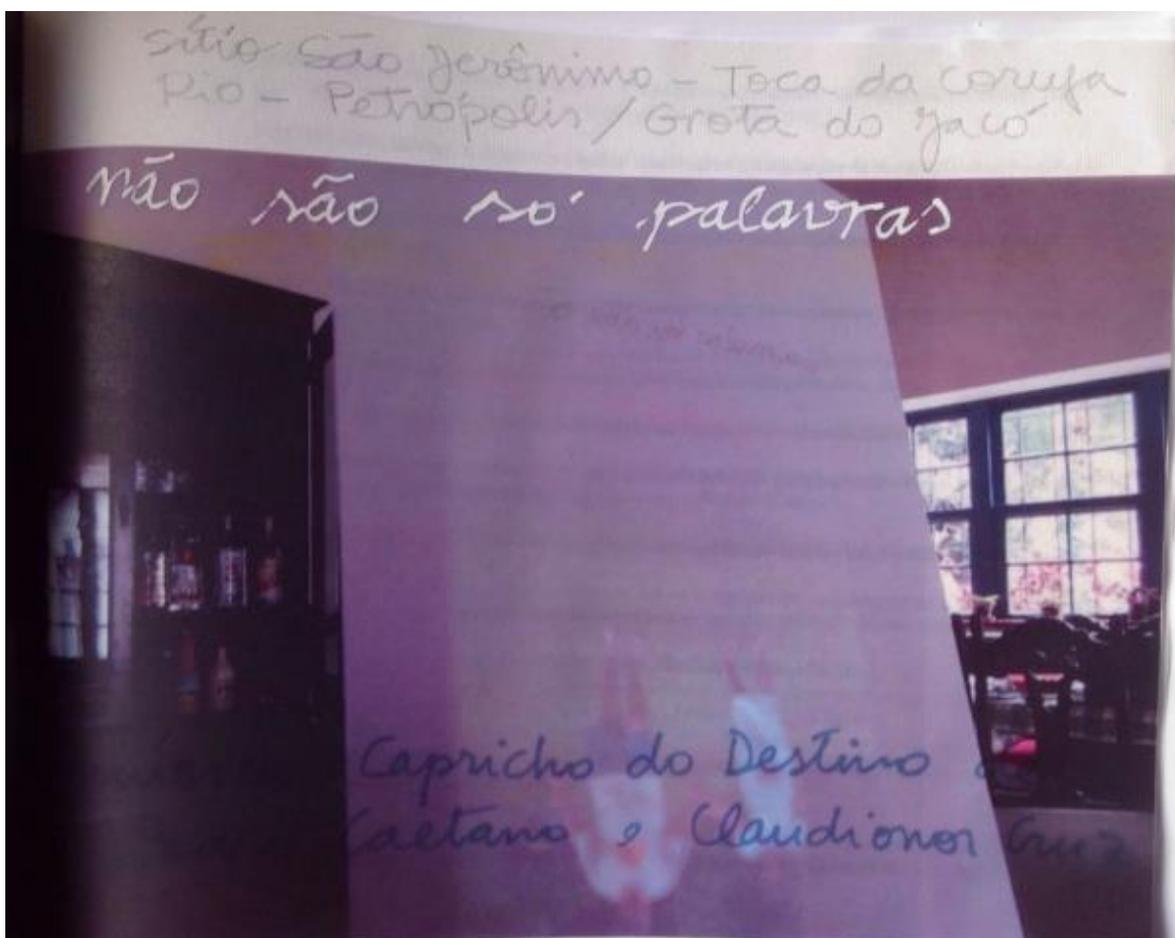


Figura 67 - Capricho do destino. Lucia Vignoli, 2015



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ondulações, rastro e livro e arte está em constante movimento de potente circularidade, para sedimentar os possíveis encontros de versões e entendimentos alçados em conversas de permanente reversibilidade.

Estratificam-se também em camadas alguns verbos colhidos no percurso. E se assentam no estado rítmico e pulsante do que se entende vida.

Cavar e

Anotar e

Apagar e

Recolher e

Reunir e

Cantar e

Escrever e

Bailar e

Sugar e

Escutar e

Arremessar e

Dormir e

Sonhar e ousar

Sumir e

Jogar e

Permitir e

Calar e

Acender e

Amar e

No tremeluz do instante, o perdido fotograma irrompe como chama e convoca a incessante máquina projetante de imagens-lâminas dissolvidas por palavras,

A OBSERVAR EM VIDA SUBSTÂNCIAS MOVENTES

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2013.
- BADIOU, Alain. *Pequeno manual de inestética*. Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p 80.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPOS, Haroldo de. *Hagoromo de Zeami*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- CASTORIADIS, Cornelius. *Janela sobre o caos*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.
- COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Tradução: Ida Alves...[et al.]. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DIAS, Karina. *Entre visão e invisão: paisagem: por uma experiência da paisagem no cotidiano*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, George. *Diante da imagem*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- ÉSQUILO. *A trilogia tebana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FELLINI, Federico. *Fellini visionário: a doce vida. 8 ½*. Amarcord: roteiros, entrevistas e ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad.: COSTA, Maria da Conceição. Lisboa: Edições 70, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. Ir contra uma maré. In: _____. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- LOPES, Nei. *Guimbaustrilho e outros mistérios suburbanos*. Rio de Janeiro: Dantes, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução, notas e pós-fácio J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p 29
- NOVARINA, Valère. *Diante da palavra*. Tradução: Angela Leite Lopes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

PAPE, Lygia. *Espaço Imantado*. Curadoria de Manuel J. Borjas- Villel e Teresa Velásquez; textos de Paulo Herkenhoff... [et al.]. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.

_____. Lygia Pape. Apresentação: Mário Pedrosa. Poemas: Luiz Otávio Pimentel. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

PETTIGREW, Damian. *Fellini: eu sou um grande mentiroso*. França, Itália, Inglaterra: Pandora Filmes, 2003.

PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida: poesia reunida 1993-2007*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007. p. 245.

_____. *Mais cotidiano que o cotidiano*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

SANTOS, Roberto Corrêa dos; REZENDE, Renato. *No contemporâneo: arte e escrituras expandidas*. Rio de Janeiro: Circuito: FAPERJ, 2011.

SARNO, Geraldo. *Jean Rouch, Eduardo Coutinho e O outro eu*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2009.

Músicas:

O sonho não acabou - Luiz Carlos da Vila.

Bêbadosamba - Paulinho da Viola.

Capricho do destino - Claudionor Cruz e Pedro Caetano.

Sites:

www.zurrodeaprendiz.com

www.cartamaior.com.br